

Aterceira Idade

ANO 4 - N 4

*Manter é uma possibilidade
Viver é um risco
Envelhecer é um
privilégio*

Marcelo Antonio Sobrinho



SESC
SÃO PAULO

EDITORIAL

nº4 - julho /91

Resgatar o sentido da velhice em uma sociedade com tantos problemas e preconceitos não é tarefa das mais fáceis. Com efeito, em meio a uma série de crises e conflitos que desafiam as análises dos cientistas sociais e as receitas dos tecnocratas, emergem valores individuais e propostas institucionais que, apesar de toda sorte de obstáculos, colocam a serviço da comunidade seus planos de ação, na tentativa de minimizar as conseqüências desse pesadelo.

Nos dias de hoje avultam, sobretudo no cenário de qualquer nação do terceiro mundo, questões tão graves que, num primeiro diagnóstico, apresentam barreiras aparentemente intransponíveis para uma abordagem mais científica. Além disso, o descaso, ao nosso ver, resultante da falta de sensibilidade ante a magnitude e urgência de certos problemas, exacerba ainda mais esta situação. Caso típico é o da velhice no Brasil.

Se, por um lado, ninguém deve furtar-se ao dever de colaborar na construção de uma sociedade mais justa e humana, por outro lado, o respaldo oficial das autoridades competentes representa um estímulo a mais no sentido de reconduzir a vida de todos aos devidos níveis de dignidade.

É nessa direção que continua nosso trabalho, procurando trazer a lume novas idéias, novas experiências que possam influenciar a execução de projetos alternativos, de alcance social desejável, dentro do nosso compromisso com os idosos.

ARTIGOS

- 4 O ENVELHECIMENTO E O MISTÉRIO
DA PASSAGEM DO TEMPO
Nicolau Sevcenko
- 17 O DESTINO DOS VELHOS EM NOSSA SOCIEDADE
Prof. Dalmo de abreu Dallari
- 22 EROS E SUA EMANÊNCIA EM TODAS AS IDADES
Ana P. Fraiman
- 36 UMA VISÃO HISTÓRICA DE FAMÍLIA E VELHICE
José Carlos Ferrigno

SEÇÕES

- 1 EDITORIAL
- 2 CARTAS
- 3 APRESENTAÇÃO
- 43 EXPERIÊNCIA
- 53 BIBLIOGRAFIA COMENTADA
- 55 INFORMAÇÕES

PREZADOS SENHORES,

Li e gostei muito da revista "A Terceira Idade". Sou aposentado e sofri muito quando deixei de trabalhar.

Através da leitura dessa revista fiquei sabendo que muitos como eu estão nesta mesma situação, que o problema do velho, no Brasil, pode-se tornar ainda mais grave. Mas fiquei consolado ao saber que muita gente, órgãos governamentais e outras associações têm procurado resolver este problema.

Se eu não for beneficiado por isto, espero que, pelo menos, meus filhos e netos o sejam.

Josué Balduino
São Paulo - Capital

Pela primeira vez tomei contato, através dessa excelente Revista, com o trabalho do Sesc e me surpreendi com o alto nível das ações no campo da terceira idade.

Sou ligado a movimentos de Igreja e pretendo utilizar suas experiências para aplicar em minha comunidade os conceitos e métodos de trabalho desenvolvidos pelo Sesc. Carecíamos ainda de maior fundamentação e de outros modelos: sua Revista veio preencher essa lacuna.

Gilson Barroca Silva
Rio de Janeiro

Como dizem os jovens, sua Revista é "bárbara". Olhe que não sou jovem e aprendi barbaridade! Parabéns ao Sesc, à equipe produtora, aos articulistas, enfim, a todos que colaboram para minimizar o problema da velhice.

José Leal Araújo Sá
São Paulo

ABRAM SZAJMAN
Presidente do Conselho
Regional do SESC

É grande nossa preocupação quanto à adoção de medidas e iniciativas que tratem de maneira mais científica o problema da velhice, pois conhecemos bem as conseqüências que o envelhecimento pode acarretar às sociedades, na ausência de um trabalho preventivo.

A omissão de alguns países, no passado, quer devido a carências de recursos, quer pela incapacidade de avaliar as dimensões futuras do envelhecimento demográfico, contribuiu para gerar a crise em que se debatem, apesar dos ingentes esforços para assegurar condições razoáveis de vida para a terceira idade.

Para nós, os idosos constituem um grupo que deve ter seus direitos de participação reconhecidos e garantidos. Isto implica, sem dúvida, uma mudança da imagem estereotipada da velhice, isto é, o envelhecer como uma nova fase de vida, onde a liberação dos compromissos profissionais e familiares possibilita a vivência de outras experiências deixadas de lado anteriormente, em função dos papéis e responsabilidades exercidos.

Em outras palavras, esse novo conceito opõe-se ao significado de velhice como sinônimo de imobilidade e incapacidade. Como o jovem, o idoso é um homem em pleno exercício de sua humanidade, além de competente, dentro de suas potencialidades. Cabe, contudo, à sociedade criar um espaço digno para a sua existência.

Uma revisão das estruturas sociais parece-nos um bom começo para a viabilização de uma política eficiente para as pessoas idosas, sobretudo no que diz respeito a novas formas de participação social. No entanto, é preciso que sejam reavaliadas as ações nessa área para a sua adaptação às constantes mudanças da sociedade atual.

Uma das conseqüências dessas transformações é o perfil do velho de hoje, sensivelmente modificado. Neste sentido, propomos, com esta edição, uma reflexão sobre esse trabalho social, no intuito de equacioná-lo dentro dos objetivos condizentes com as expectativas e anseios da população idosa em nosso país.

O ENVELHECIMENTO E O MISTÉRIO DA PASSAGEM DO TEMPO

Um primeiro passo para se encaminhar esta questão seria refletir sobre a maneira pela qual o tempo é percebido pelos humanos, isto é, de uma maneira fenomenológica. Por outro lado, é através do processo de construção do tempo como prolongamento, como um registro da memória consciente e não de regressão inconsciente, que o homem pode reforçar o seu "ego" e ampliar seu espaço criativo.

NICOLAU SEVCENKO
Dr. em História Moderna

Aprecio muito debater este tema tão amplo neste evento do SESC, em 1º lugar porque tenho um envolvimento muito pessoal e muito particular com ele; em 2º lugar porque este tema tem sido relegado em nosso país, o que é absolutamente aviltante para nossa sociedade e em 3º lugar porque é, obviamente, um tema muito caro à minha profissão. Eu sou historiador e particularmente historiador da cultura.

Portanto, o que eu queria fazer aqui, mais do que uma apresentação sistemática de idéias, era exatamente colocar várias situações nas quais aparecem, de formas diferentes, tanto a questão do tempo quanto a questão da idade. No fundo, a idade, embora nós a sintamos fisicamente no nosso corpo, ela não é uma questão absoluta, ela depende de um contexto cultural no qual repercute e dentro do qual ela se carrega de conteúdos que a fazem ter determinadas significações. Obviamente, o que significa velhice numa determinada civilização, num determinado momento, não é a mesma coisa que significa em outros.

Em algumas civilizações esse é um tema carregado de dignidade, em outras é carregado de repúdio. Portanto, o que quero colocar é um pouco a relatividade do tempo e a relatividade da idade e tentar algumas especulações sobre como essa relatividade pesa na nossa sociedade ocidental, mais amplamente, e na sociedade brasileira em particular.

No título da palestra, que não foi formulado por mim, a questão da idade e a questão do tempo aparecem como mistérios. Obviamente, essa é uma forma questionável de se abordar tais temas, pois o tempo é misterioso em relação ao

quadro interpretativo no qual ele é inscrito e este quadro que considero misterioso é o quadro da nossa própria cultura e o quadro de nosso período histórico. Aí, então, temos um dado bastante significativo para o início.

Na nossa cultura houve uma separação entre o senso comum que há acerca da experiência do tempo e a conceptualização formal que se elabora a respeito dele. Platão estaria na raiz mais remota desse tema, mas Santo Agostinho tem uma formulação mais precisa, ele próprio que era um platonista, sobre esta questão, quando diz, pensando sobre o tempo, que se ele se perguntar a si mesmo sobre o tempo, ele sabe o que é. Mas se alguém lhe perguntar, para que ele explique o que é tempo, então já não sabe mais se é possível ter uma percepção empírica do que tal seja.

Quanto à nossa relação pessoal com o tempo, portanto, tentar dar a ela uma formulação conceitual, teórica, dentro de nossa cultura é praticamente impossível. Grande parte de nossos problemas em tratar deste tema decorre desta dificuldade cultural e que é tipicamente do nosso meio.

Um primeiro dado para se encaminhar esta questão passaria pela maneira como o tempo é percebido pelos humanos: de uma maneira fenomenológica e, neste sentido, é muito fácil perceber que ele é uma experiência fundamental desde o início. Desde o início e muito mais do que quaisquer outras sensações ou percepções, uma vez que no estado fetal temos as necessidades mais prementes todas supridas pela mãe; logo, a sensação mais sentida, que é a sensação de carência, não nos incomoda e, ao contrário do que se pode imaginar, o tempo não é um elemento ausente. O fato não se encontra num estado intemporal; ele existe num estado palpitante, porque nele já é significativa a palpitação cardíaca, a pulsação sangüínea, o momento da sístole e da diástole que resumem, em última instância, a percepção da própria vida. A ele irão seguir-se o movimento do diafragma, da respiração, que aparece logo no início, e todos os ritmos que vão se suceder depois do nascimento: o ritmo da fome, o ritmo do sono e assim por diante.

Portanto, a experiência rítmica é absolutamente primordial no ser humano e exatamente por ela ser de uma força que nos acompanha desde a remota origem embrionária, nós simplesmente a esquecemos e não a consideramos durante o restante da vida e tomamos como uma coisa dada.

Por exemplo, ninguém pensa na respiração quando respira, ninguém pensa na fome quanto tem fome, nem no sono quando está dormindo; simplesmente vive essas experiências. No entanto, são essas exatamente que criam as possibilidades e os limites da própria vida. São elas que, em última instância, nos põem os campos de ação e os campos de restrição. Seu conjunto constitui a experiência elementar da existência física. Obviamente, no contato com o mundo externo, essa experiência se complica com os ritmos externos também, em particular o ritmo externo mais forte que é a sensação dos dias e das noites, da luz e da sombra, do sol e da lua e depois, mais amplamente, das estações, dos ciclos animais e dos ciclos vegetais e dos sistemas de trabalho, celebração e repouso e assim por diante.

É curioso como culturalmente o símbolo de maior importância em termos universais é o símbolo da lua, embora o sol possa eventualmente ter uma conotação mais forte. Normalmente, o sol é masculino, e a lua feminina. Mas o fato notável – e por duas razões – é que o sol não é objeto de atenção prolongada; primeiro, claro, porque não é muito fácil olhar seguidamente para ele e, em segundo lugar, ele impondo o dia, as pessoas estão ocupadas demais, tentando garantir sua sobrevivência, para dar atenção à fonte que lhes propicia a luz.

À noite, porém, as pessoas têm que ficar paralizadas pela escuridão (eu penso sobretudo nos contextos primitivos em que não se dispunha de iluminação artificial), elas estão presas na sua imobilidade e restritas ao silêncio por questões de segurança e não lhes resta outra alternativa a não ser olhar para a lua. A imagem da lua, mudando dia a dia, até completar um ciclo e depois retomando este ciclo contínuo, teve, portanto, uma influência fortíssima sobre os seres humanos e praticamente está na raiz da definição de todos os cultos de que se tem conhecimento nas sociedades primitivas. Por exemplo, na tradição greco-latina a lua era referida pelo radical "me", que em algumas línguas ainda se mantém, como "moon" ou "monad", como em português a palavra mês ou palavras derivadas que têm um sentido cíclico, como menstruação ou mensuração. Nota-se que concretamente essa última palavra coloca a possibilidade da percepção espacial. A percepção espacial é uma decorrência da percepção temporal.

A origem disso decorre de uma cerimônia dos antigos latinos, que se baseava na representação

da lua como um bolo, o qual era colocado sobre uma plataforma chamada mesa. Mesa porque "mes" era a palavra da lua, portanto aquilo era a representação da própria lua. Esse bolo era repartido cerimonialmente em dois diâmetros que se cruzavam, formando quatro ângulos retos e foi a partir dele que se desenvolveu todo o sistema métrico latino.

Para os egípcios o deus TOTH, simbolizado pela lua, era o deus dos números, não só dos números, mas da escrita, do conhecimento, o deus da ciência, dos diques, dos canais, da irrigação, dos calendários, dos conhecimentos herméticos. Em última análise, era a representação da sapiência como instância suprema do poder.

Portanto, o tempo é mais do que uma simples representação empírica; é a quintessência de nossa própria possibilidade de percepção de outras dimensões, tais como as dimensões espacial e temporal, até a compreensão ulterior dos fluxos dinâmicos do universo. Por essas razões todas, as formulações fundamentais da compreensão do mundo são elaboradas como genealogias, através das quais se estuda o ato fundador e através dele as várias etapas pelas quais o mundo é construído. A partir daí se tem uma visão completa da mecânica e dos circuitos do próprio mundo. Compreender a genealogia do tempo é compreender a própria significação e a organização do universo. A construção do universo se faz primeiro através do ato fundador da produção do tempo. Isso é diferente especificamente na cultura judaico-cristã que supõe que o tempo não teve início, o que mais tarde vai ter curiosas decorrências que poderemos comentar.

Mas, praticamente, em todas as demais culturas, o tempo sempre teve um início e ele é criado sempre simultaneamente ao ato inaugural. E, obviamente, a genealogia tende a manifestar um processo de construção do universo que do ato fundador ao ato final se completa num ciclo e a existência mesma da vida é representada como um processo de contínua repetição deste mesmo ciclo, seguidamente: aquilo que os antropólogos chamam de ciclo do eterno retorno ou tempo do eterno retorno. Quase todas as mitologias primitivas se organizam desta forma.

Houve um tempo inaugural que foi povoado pelos deuses; portanto, um tempo de perfeição; posteriormente aparecem os heróis e depois ainda os homens. Portanto, há uma espécie de degrada-

ção qualitativa do tempo e, por último, os homens vão destruindo o próprio mundo, levando-o à degradação final e obrigando a uma nova fundação. Quase toda a reprodução mítica tem essa concepção de tendência degenerativa do tempo e a necessidade de que se completem os ciclos, justamente para possibilitar uma nova fundação da vida e resgatar a força das origens, onde está de fato toda a vitalidade. Daí porque toda a cerimônia é repetida de um ato anterior, destinada a restaurar a vitalidade daquele ato anterior. A vida só pode ser entendida como a repetição da origem ou como a reprodução contínua daquele ato fundador, do qual toda vitalidade procede. Viver é perder progressivamente a vitalidade, e para que a perda seja atenuada, é preciso criar cerimônias ou rituais de contínuo contato com as origens. É isso que produz então nas várias culturas esse fenômeno, essa compulsão cultural pelo rito, pela cerimônia. Não há sociedade humana que se conheça, que não se organize através de rituais de repetição. Portanto, o substrato mais significativo de qualquer cultura humana é essa compulsão repetitiva, essa espécie de percepção não conceptualizada da tendência da progressão e degradação do tempo.

As culturas de fundo mítico viviam um tempo que era todo ele qualitativo: um tempo forte, se estava relacionado com as origens da fundação do mundo; um tempo fraco, se estava distanciado daquelas origens. As pequenas atividades cotidianas são parte deste tempo fraco; elas, no entanto, são sempre explicadas através de mitos que repõem a relação entre qualquer ato banal e o ato fundamental ao qual esses atos estão ligados, preenchendo-os de significação. Logo, não há gesto no mundo que não seja repetição de algo que já existiu; e, nesse sentido, repetir não é algo negativo, repetir é aquilo que qualifica as coisas. Portanto, dentro de uma sociedade mítica, o que se vive é uma experiência de simultaneidade de todos os tempos, já que tudo foi vivido antes e tudo é repetido e todos vivem simultaneamente as experiências anteriores e cada pessoa vive todas as idades que já teve e vai ter. Isto, porque todas as idades estão miticamente explicadas e estão assimiladas na própria construção cultural de cada um dos membros de uma dada comunidade.

Desse modo, a coexistência das idades em núcleos comunitários não é simplesmente a coexistência física dos mais jovens com os maduros e os mais idosos, mas é sobretudo a convivência psicológica, em que cada um se sente ao mesmo tempo investido de todos os papéis nos quais as

várias etapas são representadas.

É interessante nesse sentido atentar para os principais rituais de comunhão coletiva, em que os seres todos que participam perdem as suas características temporais, sexuais, psicológicas, sinais particulares, suas idiosincrasias e se tornam uma espécie de grande todo, um grande amálgama que se abstrai do mundo concreto presente, para o grande mundo universal das origens, o grande mundo abstrato das origens.

Essas cerimônias eram sobretudo fundadas nesse dado crucial ao qual eu fazia referência no início, que é o ritmo, a pulsação, que é, por excelência, a experiência da qual os seres humanos jamais vão conseguir se desligar e é aquela que marca a sua possibilidade de reflexão e criação cultural. Então, a cerimônia ocorre da seguinte maneira: os músicos se reúnem e começam a evocar determinados ritmos, aqueles ritmos, cada um deles ligado a uma representação mitológica. A comunidade inteira acompanha as músicas e começa a dançar. A dança não é simplesmente, como no sentido contemporâneo, um certo repertório de passos. A dança é a reprodução de determinados gestos e movimentos que foram realizados por deuses e entidades celestiais em outros tempos e, quando todos começam a dançar, todos eles começam a reviver intimamente aqueles deuses e entidades; o processo é um ritual de progressão contínua.

Alguns neuropsicólogos estudaram as cerimônias vudús da América Central e conseguiram perceber como os músicos, particularmente os tocadores de tambor, têm uma percepção muito clara da maneira através da qual vão influenciando o estado psicológico das pessoas através da música, porque como há o ritmo cerebral, a idéia do músico é conseguir entrar em fase com o ritmo cerebral, (e existe um determinado toque de tambor muito conhecido, que é o chamado 7 por 9, através do qual a batida cria um ajuste de fase justamente com o ritmo da atividade cerebral intensa, influenciado pelo clima de excitação coletiva) e, nesse sentido, quando a música entra em fase com a excitação psicológica e com a própria pulsação física, em nível espasmódico, o que se tem é uma espécie de situação catártica extrema, em que todos acabam se desprendendo de suas consciências e tendo uma espécie de experiência mental e corporal em que se tornam uma entidade estranha, estranhos a cada um de si mesmos e passam a viver, a incorporar a divindade. Esse momento de

êxtase tem uma longa duração e dentro dele é que as comunidades se predispõem para as experiências fundamentais, buscando o êxtase da comunhão, pelo qual todos vivem a mesma experiência ao mesmo tempo e se desprendem do tempo e das condições concretas do mundo.

Também há a experiência da preparação para a guerra e da preparação para a caça que, por sinal, são também feitas com música. Como sabem, a caça sempre foi feita com baterias de tambor, porque isso desorienta os ritmos dos animais, ao mesmo tempo que cria o compasso pelo qual o grupo de caçadores sabe exatamente os movimentos de todos os membros do grupo em direção à presa. Elas orientam os homens ao mesmo tempo que desorientam os animais, o que torna a caça uma atividade extremamente fácil, uma vez dominada essa tecnologia.

A mesma coisa acontece na guerra, que é feita com tambores, flautas e com gritos precisamente encadeados. Isso aumenta essa espécie de coerência estática comunal do bloco dos guerreiros e tem o mesmo efeito de tentar produzir desorientação no inimigo.

Uma representação metafórica terrível desta situação aparece no filme "Apocalypse Now". Nas guerras modernas não aparece mais esse tipo de música, por razões óbvias. Mas, no filme, os caças-bombardeiros jogam "napalm" e o comandante do pelotão toca "A Cavalcada das Valquírias", de Wagner, em um tom extremamente alto que abafa inclusive a explosão das bombas e tem-se a experiência de horror, toda ela submetida à experiência musical e rítmica, particularmente com a música de cunho belicoso, como é essa música de Wagner.

Do mesmo modo, essas representações mitológicas têm a tendência de colocar a questão da idade, assim como o restante das suas experiências fundamentais, dentro de um parâmetro onde ela se torna perfeitamente assimilável pela comunidade. A idade não é absolutamente um mistério para comunidades desse tipo. Todo mundo sabe exatamente o papel que lhe cabe e todas as posições no ciclo de evolução da vida são igualmente depositárias de um equivalente de dignidade simbólica grupal. As coisas começam a mudar quando esta comunidade, sedimentada em cultura mitológica, tende a formular uma cultura de caráter temporal e isso começa a acontecer, como sabemos, pela primeira vez em nossa tradição, na

Grécia do período clássico.

As reelaborações do último período grego nos dão algumas indicações de como as coisas vão mudando, em particular analisando dois mitos claramente vinculados à idéia do tempo que são, em primeiro lugar, o mito do deus Cronos, cujo nome significa tempo, em grego, e depois o mito de Prometeu, mais tardio. Como sabem, Cronos, tinha esta característica de ser um deus casado com a deusa Rea, a terra, (o tempo casado com a terra) e tinha obsessão de devorar todos os filhos que a terra gerava. Mal sua mulher tinha uma criança, ele a tomava da mãe e a devorava: a imagem do tempo devorando seus filhos, suas próprias criaturas. O tempo aparece, então, com um sentido claramente negativo, destruindo e se identificando com a imagem depressiva da morte.

Na verdade, o tempo aparece nesse sentido como a impossibilidade mesma da criação ou da diferenciação dentro das formas de vida, da individualização das criaturas, tudo tendo de permanecer dentro desse amálgama obscuro da intemporalidade. Um tempo que paraliza tudo e impede as coisas de acontecerem, um tempo que é anti-temporal. Portanto, um tempo que não permite manifestação do outro. Curiosamente, essa imagem mitológica, essa visão de tempo é representada por um ancião. Cronos é um ancião.

Já Prometeu é uma outra concepção que aparece conflituosamente com a imagem de Cronos e é identificada com uma figura jovem. Prometeu foi o deus que, tendo criado os homens e, como esses homens viviam em estado de carência, de medo e de necessidade absoluta, resolveu dar-lhes a possibilidade de incrementar seus recursos de sobrevivência. Para isso, roubou dos deuses o fogo, dando-o aos homens, fornecendo-lhes, assim, a oportunidade de desenvolver técnicas de sobrevivência através das quais eles fossem, pelo controle da energia que o fogo representa, ampliando suas condições de domínio sobre a natureza, até suprir totalmente suas necessidades, acalmar seus pavores, mitigar suas carências e se tornaram senhores absolutos da natureza.

Portanto, Prometeu é o deus que traiu os deuses em favor dos homens e, por causa dessa traição, foi preso por Zeus que pediu a Saturno que moldasse cadeias de metal pelas quais ele foi preso a uma pedra no alto de um penhasco e ficava exposto aos céus. E todo dia, uma hárpia, uma ave gigantesca vinha até ele e passava o dia roen-

do-lhe o fígado. À noite o fígado crescia e no dia seguinte a ave voltava e repetia a mesma operação, e assim ciclicamente.

O mito é muito interessante, porque Prometeu liberou aos homens exatamente o tempo, tirou os homens do estado "crônico" em que o tempo é impossível e em que o homem só pode viver a intemporalidade, a impossibilidade de ação, preso a si mesmo, à sua incontigencialidade e deu-lhes a possibilidade de desencadear esse ato destinado a uma progressão contínua, que é ato da criação, que vai se manifestar pelo desenvolvimento material, pelo progresso tecnológico. Ele, portanto, deu aos homens, numa palavra, o futuro, a dimensão do futuro, tirando-os da prisão da inexistência do tempo ou do passado total. Por isso ele é punido pelos deuses dessa maneira, vivendo ele próprio um ciclo que nunca se esgota e um ciclo de caráter totalmente punitivo, um tempo paralisado na dor.

Nesse sentido, em Prometeu temos o oposto* de Cronos. Prometeu é um mito construtivo, positivo, ele toma o tempo como uma força de libertação e institui o futuro como uma dimensão privilegiada e dignificadora do tempo. Nesse mito, o tempo produz a diferenciação. Quanto mais os homens enquanto espécie viverem, mais eles vão ser diferentes entre si, mais eles vão tornar o mundo diferente do que ele é, mais vão produzir artigos, artefatos, mecanismos, instrumentos e produtos que são diversificados progressivamente. E, portanto, a tendência é a individuação cada vez maior. E assim como, no limite, Cronos vivia a experiência do nada, a tendência do mito Prometeico é viver a experiência do caos, no sentido em que o tempo se torna paradoxalmente uma espécie de moto contínuo em aberto, que não pára mais e que é sempre irreversível na medida em que se desdobra. Daí, ser interessante esse cotejamento entre a imagem anciã de Cronos e a imagem jovem de Prometeu. Cronos preso ao passado sempiterno e Prometeu preso ao futuro sempiterno.

Os dois mundos são igualmente terríveis, os dois mundos são igualmente trágicos. O homem, liberto para viver o futuro, não quer dizer que esteja numa situação melhor, porque ele vai passar a viver a angústia do futuro. Em vez de viver a compulsão do passado, ele vai viver a compulsão do futuro. Por esta razão é que a tortura de Prometeu reproduz exatamente o crime que ele cometeu. Vejam que o drama não está exatamente em ter o fígado comido, o que é mais ou menos suportável; o

drama está em saber que o fígado vai tornar a crescer e a ave vai voltar a comê-lo de novo. É exatamente a idéia do futuro, é a ansiedade que isso gera que é a tortura. A tortura não se resume à dor, a tortura se concentra ao adquirir uma dimensão temporal de ansiedade, de angústia.

É exatamente isso que se instaura numa sociedade que sai do estado mitológico. Ela não vive mais um estado de presença imanente com o mundo, um estado de comunhão universal de todas as idades com o próprio tempo e com o próprio universo. Ela passa a viver a diferenciação desencadeada pelo advento da dimensão do futuro, a qual trará consigo uma espécie de compulsão à angústia progressiva. Os romanos tentavam um meio termo com o mito de Saturno, que é uma espécie de angústia controlada. Mas, não vamos entrar nessa questão, já que a nossa é uma angústia absoluta e depressiva. Fiquemos nela.

O Cristianismo vai colocar alguns elementos diferenciais nessa tradição, na medida em que ele cria um tipo de tempo que para nós é mais familiar: o tempo linear de progressão contínua. O tempo mítico é sempre cíclico, sempre tende a retornar ao mesmo. O tempo do cristianismo é um tempo que tem uma fundação original, narra a história da queda do homem e também a história do advento da possibilidade de perdão ao pecado que levou o homem à sua perda. Em meio a esse percurso, ele traz inclusive um tempo de possibilidade de resgatar sua culpa através da penitência e culmina num tempo final de destruição do mundo e de retorno à comunhão divina.

Como se vê, ele assinala uma temporalidade bastante complexa. Traz consigo uma visão histórica perfeitamente entabulada, em que se podem ver representadas as várias etapas do paraíso, a queda, a purgação, a redenção, até se chegar ao momento final, o clímax apocalíptico.

O curioso é que esse tempo decorre da vontade de Deus e decorre da necessidade de os homens purgarem suas culpas e sua própria condição humana, para retornarem à convivência divina. Portanto, se ele é linear, contínuo, ele é regressivo na sua progressão, porque o final deles implica a volta. É uma espécie de combinação entre o tempo do passado de Cronos e do futuro de Prometeu.

Dentro do Cristianismo, o ideal é a passagem do jovem ao ancião, da mesma forma como Cristo

é apenas uma etapa para que se resgatem novamente as origens do Deus pai. Dentro do Cristianismo, a vida é apenas um meio para se chegar ao fim que é a morte, que é o grande objetivo da vida. O tempo do Cristianismo é o tempo pelo qual do coletivo se passa ao psicológico, porque é ao nível do livre arbítrio de cada um que se vai definir a possibilidade de perdição ou de salvação de cada um. Portanto, ele tem essa tendência bastante ambígua de produzir essa sensação de progressão, mas de deixar que, em última instância, toda a palpitação e toda a intensidade emocional se volte definitivamente para o passado. E, obviamente, a idéia do amadurecimento, do envelhecimento e da morte são as idéias mais caras e mais importantes e essas são as imagens-chaves dentro de nossa sociedade. São aquelas que mantêm o controle psicológico e têm a dignidade cultural mais importante da coletividade. Isso vai colocar um problema muito grande para um processo que, em grande parte é derivado do próprio advento do Cristianismo e é o processo de desenvolvimento material, de controle dos recursos pelos quais a natureza é espoliada e que, genericamente, no momento do seu desenvolvimento ulterior, vai receber o nome de Capitalismo pelos historiadores e sociólogos modernos.

Esse momento vai ter seu marco inaugural numa etapa de passagem chamada Renascimento, na qual, pela primeira vez, os homens estabelecem as bases de uma cultura totalmente profana e desprezada do elemento mítico presente na tradição pagã ou cristã, principalmente no nosso caso, na tradição cristã, envolvida por alguns elementos pagãos. Esse tempo que é constituído pelo Renascimento é um tempo que também nos é familiar, porque nós o conhecemos através da ciência e da forma pela qual nós organizamos o tempo do nosso cotidiano: é o tempo do relógio.

O relógio é a figura-chave neste período, entre os séculos 14 e 15, em que as igrejas vão tendo progressivamente os seus sinos substituídos pelos relógios que são colocados nas torres. As pessoas não têm mais uma relação sensorial com o mundo; elas passam a ter uma relação espaço-temporal: é o movimento dos ponteiros que define a hora de levantar, a hora de dormir, a hora de ir à missa, e assim por diante. Da mesma forma, é por padrões numéricos que se compreende a presença dos homens na terra, definindo períodos muito claros: Antiguidade, de tal a tal ano, Idade Média, de tal a tal ano, o Renascimento, a Idade Moderna, dando a idéia de que essa seqüência numérica contém um

tempo que é homogêneo, pois todos os anos têm 365 dias, considerando-se também, é claro, a variação bissexta. E esse tempo, portanto, é vazio de qualidade, ele é puramente quantitativo. Ele é abstrato, linear e, diferentemente do Cristianismo, ele tende a uma progressão infinita. Logo, o tempo da ciência, o tempo da cultura material, o tempo da cultura profana é um tempo claramente prometeico: ele tende a uma espécie de angústia de um futuro em que a experiência se torna sempre mais complexa e tende sempre a sair do controle dos homens. Ou seja, um tempo que, em assimilando a dimensão do futuro, assimila também a ansiedade, a angústia do imprevisível, da progressão ao caótico. Todos sabemos disso, lá está ela, a angústia da dor permanente sentida toda a noite, quando Prometeu olha para a lua.

Esse tempo do Renascimento vai fazer uma reapropriação da Antiguidade e, daí, vai trazer consigo a suposição de que ele é a retomada daquela cultura que viveu um momento de apogeu na Antiguidade. Ele vai compor uma história que é diferente da história que o Cristianismo incorporava que era a História da Salvação. Ele constrói uma história de heroísmo do homem sobre a terra. É a isso precisamente que se dá o nome de História, no sentido de ciência com que ela foi concebida nesse momento. Ela é uma invenção do Renascimento, muito embora os Renascentistas quisessem nos fazer crer que ela fosse uma retomada da Antiguidade, porque, conforme à tradição, tudo o que é remetido a uma origem distante é sempre dotado de maior dignidade. Neste sentido, o que o Renascimento repõe é papel dignificador por excelência, simbolizado pela juventude e o papel restrito, negativo, representado pela idade avançada, que corresponde àqueles que estão no topo da hierarquia e, portanto, aos anciãos.

Isso vai aparecer muito claramente nos dobramentos literários do Renascimento. Por exemplo, com Petrarca e Dante que fundam sua literatura no mito do amor, o amor por uma mulher muito jovem, o amor entre os jovens. O amor cuja finalidade é ser a fonte de inspiração para a ação criativa. No caso do poeta trata-se da criação poética, mas no caso do homem o amor lhe deve inspirar a ação da qual deriva o trabalho, a proeza cotidiana com a qual ele vai conquistar o respeito e a devoção de sua amada. Nesse contexto há uma relação muito clara entre o impulso erótico e a disposição para a ação. Mas se o impulso erótico é consumado, como nós todos sabemos, isso resulta na estafa e no sono. Portanto, o amor que se pre-

tende ser um elemento decisivo para produzir o gesto criativo, do qual depende a produção do futuro, é o amor não resolvido, o amor impossível. É esse tipo de amor que é engendrado pelo Renascimento, o amor de Petrarca por Laura, uma jovem que pertencia a um outro círculo social, que ele viu uma ou duas vezes, com quem ele nunca falou e que amou a vida inteira e morreu muito antes que ele, embora ele continuasse a amá-la mesmo na sepultura. E dedicou uma obra imensa a uma moça com a qual nunca conversou.

O amor de Dante a Beatriz tem a mesma conotação. Mais curiosamente, pode-se lembrar o poeta da Provença, Jaufré Rudel, que, de apenas ouvir falar, apaixonou-se pela princesa do Líbano, naquele tempo dominado pelos turcos e, portanto, longe de sua possibilidade de acesso. Mas, quando ele soube que estava sendo formada uma cruzada para tentar libertar o Líbano dos turcos otomanos, ele reuniu todos os seus recursos, vendeu tudo o que tinha e foi correndo para o Líbano, para declarar seu amor à princesa que amava. O trágico é que, assim que chegou, a cruzada foi atacada pelos turcos e ele morreu flexado, gritando pelo nome da princesa que nunca vira, sem sequer ter podido chegar aos pés dela.

Isso pode parecer um conjunto de estórias algo engraçadas, mas é disso que somos feitos. O amor para nós só pode ter graça quando não acontece. Só se vai ler o romance quando se sabe, desde o início, que o casal não pode consumir seu amor, porque senão o que acontece é muito óbvio e não tem graça nenhuma. A história de amor que conta é aquela em que os dois jovens se enamoraram instantaneamente; a regra impõe que seja à primeira vista; daí, devido a um impedimento obrigatório, entram em estado de progressivo desespero passional e quanto mais ficam afastados, mais desesperados ficam, – então, mais interessante o romance fica – até o ponto em que perdem completamente a cabeça e se lançam em alguma espécie de decisão trágica e assim a história acaba. Porque, se apenas se unissem, o fato é que depois do casamento não pode haver graça nenhuma, já que tudo se torna uma monótona repetição de um mesmo ato. Exceto, é claro, se houver uma vizinha interessante. Aí, a história pode ganhar um outro capítulo. Mas, o amor que conta é o amor que não se resolve, porque o amor resolvido é absolutamente tedioso.

Por que razão somos assim? Isso é alguma coisa com a qual vocês deveriam se incomodar,

mas curiosamente não se incomodam de forma alguma. São como eu, totalmente irresponsáveis a esse respeito. Achem que na vida o que vale a pena é a experiência vivida dentro da angústia. Encontrar alguma coisa estável é totalmente desinteressante. Não há o que contar para os amigos, sobretudo não enriquece o nosso próprio mito psicológico sobre nós mesmos. Na verdade, nós vivemos a nossa própria vida como uma espécie de ato poético e nós queremos que ela seja interessante como os livros que lemos e que nos marcaram muito, em que havia história de amor não resolvido e, se a nossa história não bate com o livro, a coisa fica menos interessante que o livro. E ninguém quer viver uma vida sem poesia. Logo, nos arrastamos espontaneamente para o desespero e nossa vida se torna mais interessante quanto mais desesperada ela vier a se tornar. Por que razão é assim? Não só é assim, mas somos coletivamente estimulados a sermos assim.

Essa literatura, durante algum tempo, era uma literatura controlada, sobretudo com relação aos mais jovens, mas hoje em dia qualquer pessoa tem acesso, através das novelas de TV, a histórias desesperadoras de amor. Toda criança de qualquer idade já está tentando viver uma história desesperada de amor. E o que é curioso, a maior parte delas, hoje em dia, já consegue.

O fato é que, por trás dessa espécie de exacerbação do impulso erótico não resolvido, o que temos é a predisposição para a ação como a seqüela necessária desse desespero. E é exatamente o que nos coloca a contrapartida desse controle emocional que é a disciplina do trabalho. De onde sai essa energia que nos força à disciplina do trabalho, quando particularmente vivemos numa sociedade que aboliu o trabalho compulsório, abolindo a servidão? Esse trabalho só pode vir através de uma ética na qual o desempenho físico se torna um valor. Bem, mas ninguém tem predisposição para outro desempenho físico que não seja exatamente aquele de caráter erótico. Todos os outros são desinteressantes e cansativos. Não que o erótico não seja cansativo; mas, pelo menos ele é altamente compensador.

A criação, portanto, do mito do amor não resolvido, conhecido também como o mito da "princesa longínqua" ou do "príncipe cortês", como quer que seja, ou como literatura ou como mito erótico da sociedade moderna, está diretamente ligado à necessidade de predispor os homens à ação, através da repressão do seu dispêndio eroti-

co. As pessoas que não têm como restringir seu dispêndio erótico são aquelas que acumulam energia e que, portanto, têm maior capacidade de ação sobre a realidade através de uma transferência erótica pela qual o ato amoroso é sublimado e reelaborado na forma do ato laborioso, como um efeito de ação erótico-agressiva sobre a realidade. Como é, por exemplo, o tipo de compulsão que tinham os conquistadores da América, o mesmo tipo de compulsão que têm os cientistas, como nós, que sempre olhamos os seres humanos que estudamos como cobaias, sobre as quais nos debruçamos e nos deliciamos. Assim como o dentista que se entusiasma quando vê uma boca cheia de cáries. Que graça tem uma boca resolvida? Portanto, é óbvio que há uma compulsão no nosso trabalho e nós somos tão mais brilhantes e tão mais bem sucedidos nele, quanto mais somos capazes de preencher de carga erótica o nosso desempenho, o nosso desempenho profissional.

Somos então propensos à angústia, ao desespero, à repressão erótica e ao exercício sádico sobre nossos semelhantes, além do que, somos fixados no mito da juventude e quebramos os nossos elos com os demais estágios da cadeia da vida, particularmente com a infância e a terceira idade que passam a aparecer como problema. É interessante que isso vai refletir na literatura, através dos temas da razão e da paixão, do coletivo e do individual, da vida e da morte. Isso tem um clímax, para não se fixar em outras etapas, no Romantismo.

Um tema muito interessante no Romantismo é o tema do duplo. Todos nós sabemos que temos um duplo, no mínimo porque sabemos que temos alguém dentro de nós que conversa conosco o tempo todo e não somos exatamente nós. Alguns achavam que isto dava boa literatura e não só acertaram na mosca, como acabavam dando origem a esta que se tornou, por excelência, a ciência do século 20, a psicanálise, que é a ciência que trata dos estágios patológicos das relações entre nós e esta criatura de dentro de nós. No Romantismo, no tema do duplo, aparecem várias histórias muito interessantes. Não podemos evocar todas. Lembremos de "O Médico e o Monstro", dr. Jekyll e Mr. Hyde: Um cientista desenvolve uma fórmula química, uma poção que ele toma e quando a toma, todo o instinto agressivo por ele reprimido, sendo cientista, sendo um homem de sociedade, sendo um bom pai de família, todas as taras de que ele é composto e que reprime a vida inteira, vêm à tona e ele se torna o monstro que sai

pelas noites de Londres à procura de suas vítimas incautas. O bonito da história é que, da primeira vez, isso acontece por acidente: ele não sabia que ia dar nisso se tomasse a poção. Uma vez que o efeito passa e ele volta a si e percebe todo o horror do que fez, não demora muito para que ele saia correndo e faça outra fórmula para tomar de novo. Porque ele descobre que era exatamente ali que estava a parte excitante da vida.

Uma outra história desse mesmo tipo é "William Wilson" de Edgar Allan Poe, a história do duplo William Wilson. Eram duas pessoas que moravam no mesmo lugar; uma só fazia o bem, a outra só fazia o mal. Obviamente, o que fazia o bem passa a vida ansiando pelo que fazia o mal, porque este é que acrescentava uma dimensão de significado especial à sua existência. Era aquilo que o primeiro queria submeter a si.

O "Retrato de Dorian Gray" de Oscar Wilde é, neste particular, mais interessante, porque toca exatamente neste mito do ponto de vista da questão do tempo, da idade, do envelhecimento. Dorian Gray cria um pacto, através do qual uma imagem pintada dele mesmo em sua juventude passaria a envelhecer no lugar dele. É um tema absolutamente sublime. Ele poderia praticar todo o mal que quisesse, poderia ser uma pessoa totalmente indigna, totalmente iníqua e os traços fisionômicos, através dos quais o mal marca as pessoas, através dos quais o mal empurra as pessoas para o envelhecimento de uma forma negativa, como associado ao mal, tudo isso só se estamparia na imagem sobre a tela. O retrato se torna feio, porque tornar-se feio significa incorporar toda a maldade do mundo. Ele guarda bem escondido o retrato no sótão e permanece sendo um jovem absolutamente lindo, que mexe com as paixões de todas as pessoas, sendo que ele tem uma inclinação particular pelas taras que ele vai buscar na vida noturna da cidade. Ele permanece lindo e jovem e todos envelhecem e envelhecem com os sinais do pecado, até que no clímax da trama, pressionado pela pressão psicológica e moral da situação, o retrato acaba sendo apunhalado e a coisa se troca: o retrato volta a ser jovem e Dorian Gray se torna uma pessoa horrorosamente envelhecida, em quem os sinais da velhice revelam as marcas da perversidade.

Mas, é claro, a decisão mais brilhante desse tema é feita através deste que é o grande mito do nosso tempo: o mito de Drácula. Não há figura mais apaixonante do que Drácula, de Brian Sto-

cker. E por quê? Nós fazemos de conta que assistimos ao filme, odiando Drácula, mas o filme só ganha vida quando Drácula aparece em cena; ele é o personagem não só do filme, mas da nossa vida. Nós somos o Drácula e sabemos disso, mas nunca falamos para o vizinho do lado. (Mesmo porque... temos intenções).

Drácula é um homem intemporal como Cronos: não sabe de onde ele veio. Ele precede ao tempo. Ele é o próprio tempo; em certo sentido, ele é o próprio Deus. É a quintessência da divindade, no sentido em que vive o mesmo estado de transcendência e de intemporalidade. E se a Deus se pode chamar simbolicamente de Bem, a Drácula se pode chamar simbolicamente de Mal, mas os dois, no absoluto, se equivalem. No entanto, nós temos uma curiosa diferença na relação com este personagem. Drácula vive quieto no seu canto; ele só se mexe se alguém for incomodá-lo. O interessante é que as pessoas vão incomodá-lo. O tipo de incauto que vai incomodá-lo é um tipo que normalmente representa aqueles que mais caracterizam uma sociedade em progressão contínua, mais representam a latência do caos que está no presente e aponta para o futuro. São aqueles que, por exemplo, são pessoas muito jovens que perderam a noção das distâncias das coisas e a noção das hierarquias e, particularmente, o respeito à hierarquia das idades.

O Drácula não é a figura de um ancião, mas a de um homem moderno que não revela seus sinais, mas pode ser representado por diferentes formas: também como ancião, também como um jovem, uma criança e também um morcego ou vampiro. O que absolutamente não faz diferença; ele é intemporal e não tem nenhuma espécie de limitação física. Esse tipo de incauto é o tipo que não sabe perceber essas diferenças, esse que não sabe perceber a diferença qualitativa do tempo, a diferença entre tempo material do tipo abstrato, homogêneo, contínuo e fundado pela cultura científica do renascimento e o tempo qualitativo, o tempo das origens, o tempo mítico, o tempo religioso. Esse tipo de incauto vai bater na porta de Drácula para cobrar algum imposto, fazer uma entrevista ou tirar uma foto e fazer uma reportagem, ou simplesmente perguntar se está vendo algum canal de televisão naquele momento. Esse é exatamente o tipo de vítima que lhe agrada. O Drácula convida a pessoa para entrar e, também como sabem, há outra característica na história: ninguém cai nas mãos de um vampiro, um vampiro não pode atacar uma pessoa que não o convide.

Aqui está a sutileza do mito: um vampiro jamais pode entrar em qualquer casa se não for convidado e se alguém não lhe abrir a porta, se alguém não lhe abrir a janela, se não chamá-lo para dentro. Logo, ele não é um invasor, ele é um sedutor; ele convence as pessoas a que o convidem. Normalmente, suas vítimas são pessoas jovens, normalmente um incauto e sempre uma moça.

Como é que Drácula vai exercer o fascínio que vai fazer com que o convidem a entrar? Através do olhar. Quando os olhos da moça se encontram com os olhos de Drácula, ela percebe que há ali o gosto de uma fruta que ela quer provar. É o gosto de uma fruta que ela percebe nos olhos de Drácula. E é exatamente o gosto da fruta que ele está vendo diante dos olhos e que sabe que vai provar.

O que Drácula quer da moça? sua imolação como vítima, o que também ela quer que aconteça e é por isso que ela vai convidá-lo para sua casa. Óbvio, isso tudo depois de um grande carnaval, de uma grande histeria, com colares de dentes de alho, espelhos, crucifixos, e apelos ao padre. Mas tudo, na verdade, é uma espécie de cerimônia para encenar um "não", para tornar mais interessante o que vai acontecer no final, que como todos sabem é um "sim". Enfim, ela põe o seu melhor traje de noite, o mais esvoaçante, o mais transparente, numa noite de lua cheia, a lua brilhante na escuridão. Evidentemente, a casa deve ter um terraço, o terraço tem que estar ao luar, um pouco de folhagem com flores caindo em ramadas. O cenário ideal. Ela vai à frente do balcão, olha para a lua, eventualmente cheira uma flor e ela então vê passar um morcego pelo ar: se assusta e sai correndo para dentro de casa e, casualmente, esquece a porta aberta. Quando ela dá por si, há um cavaleiro dentro do quarto, muito bem vestido, muito bem trajado e olhando para ela com olhar esquisito, agradavelmente esquisito. Esse olhar tende a se tornar cada vez mais próximo e, por uma estranha razão, ela não consegue desprender os olhos dos olhos dele. E por uma estranha razão, ela afasta os cabelos da nuca e abaixa a gola de seu "deshabillé".

Não sei se já prestaram atenção a esta parte do corpo que é a nuca: é onde se concentram os vasos mais volumosos do corpo. Quando estamos perturbados ou estimulados, esses vasos se dilatam e a gente sente a pulsação de uma maneira muito ardente, particularmente na parte de trás, onde a nuca se junta com os cabelos. Se alguém

toca naquele ponto, a gente é capaz de sentir vertigens. E é, como se sabe, exatamente para aquele ponto que Drácula vai olhando. Insistentemente vai olhando para aquele ponto e, enfim, é aquele ponto que é entregue. E quando ele, afinal, encosta sua boca, o que se vê é um beijo prolongado e depois dele uma ligeira mordida. Os dentes penetram e a moça desmaia, (não de dor, como se podia imaginar). A partir daquele momento ela adquire um vício, porque vampirismo é um mal que causa dependência física e psicológica. A partir de então, ela não consegue mais viver sem o vampiro: ela própria se torna um vampiro e o vampirismo tende a se reproduzir cada vez mais, todos seduzindo a todos, todo o mundo oferecendo o pescoço a todo mundo: o que é o grande sonho de nossas vidas.

O fato é que temos nessa concepção da literatura romântica uma visão absolutamente cristalina e é por isso que eu quis enfatizar os aspectos mais sutis dela, da vinculação entre a imagem da juventude e da morte, a idéia de que são os dois grandes elementos dignificados da vida e a imagem totalmente negativa da velhice, identificada com o mal. Isso é mais do que uma ruptura de gerações, é uma ruptura cultural profunda, da qual a modernidade é feita e, como nós sabemos, é intrínseca à nossa forma de organização social e econômica. É dela que se tiram os recursos pelos quais as pessoas dispõem de suas energias para a produção, de onde todos, em última análise, se sentem beneficiários e, por isso, eu quis enfatizar o preço que nós pagamos para causar essa ruptura: o preço de nossa contenção institucional e o preço de nossa alienação enquanto seres humanos, com relação à cadeia da vida e com relação à natureza à nossa volta.

A psicanálise é uma derivação direta da literatura romântica, assim como a filosofia; Hegel é também um romântico. Essas questões que aparecem de maneira tão vibrante na literatura, aparecem de um modo um pouco mais rançoso, mais sisudo na filosofia de Hegel e bastante mais técnico na psicanálise de Freud. A rigor, está-se falando desses mesmos conteúdos o tempo todo. A maneira, por exemplo, como o Doutor Jekyll, enquanto cientista, incorpora determinada autoridade, ele é a própria autoridade. Quando ele toma a poção, ele libera o instinto que há dentro dele e entre os dois extremos existe o momento em que ele decide se vai ou não tomar de novo a poção; também é o momento em que a vítima do Drácula decide se vai ou não ceder o pescoço.

Esse momento é chamado o momento do EGO, que, segundo a visão de Freud, é exatamente o ponto fraco da coisa toda. Por isso é que Freud dizia que a psicanálise é a psicologia do EGO, destinada a reforçar o EGO, a tentar convencer as pessoas a não tomarem qualquer coisa, a não conversarem com estranhos. A psicanálise vai trabalhar tecnicamente com este conceito de intemporalidade do inconsciente. Freud é muito específico a esse respeito. Ele dizia: "o processo do sistema inconsciente é intemporal, ou seja, ele não está organizado no tempo e ele não é modificado pela passagem do tempo e, de fato, ele não tem relação alguma com o próprio tempo". Aqui, o que ele avalia é que o inconsciente é um tempo de Cronos e não de Prometeu e que naquele tempo em que não há tempo, há uma compulsão para a dissipação do tempo; é o tempo dos homens antes de Prometeu lhes dar o fogo.

Freud também avalia que os homens têm uma propensão instintual regressiva, imposta por essa intemporalidade. É uma carga psicológica extremamente pesada à qual os homens são, inconscientemente induzidos pela força do apelo dessa intemporalidade do inconsciente. Isso vai qualificar como sendo uma compulsão, um impulso à repetição que, como vimos, estava presente nos ritmos e cerimônias, danças e batidas cadenciadas, desde o início e que, aos poucos, vai sendo ritualizado de maneiras, as mais diversas pelas diferentes culturas. Na nossa sociedade, por exemplo, a literatura narra sempre a mesma história, o cinema mostra sempre a mesma história, com pequenas variações, como no caso do amor que nunca se resolve.

A idéia de Freud é tentar, pela psicanálise, enfatizar realmente o papel do EGO, o papel prometeico do EGO, de tentar se livrar dessa pressão compulsiva para regredir e adquirir a experiência do tempo, a experiência da idade e fazer dela um dado libertador tanto do instinto quanto da compulsão regressiva. Neste sentido, com a psicanálise, embora esta tenha um evidente nexos com o romantismo, Freud não coloca a coisa de maneira que praticamente nos deixa apenas no limiar da tragédia, entre os nossos instintos e a repressão deles, entre a mitificação da juventude e a banalização das demais idades, a infância e a velhice. Ele faz da experiência da idade, no sentido da progressão da consciência, uma experiência-chave para a libertação do ser humano. É através do processo de construção do tempo como prolongamento, como um ato de consciência, como um

registro da memória consciente e não da regressão inconsciente que o homem pode reforçar o seu EGO e ampliar seu espaço criativo.

A Psicologia do Desenvolvimento, elaborando algumas instituições da Psicanálise Freudiana, também tem conclusões muito enriquecedoras sobre este problema e que são, pelo menos dentro de nossa cultura, uma forma de se tentar olhar de modo positivo essa ruptura que lhe é intrínseca. Trata-se de uma tentativa de se voltar para o interior da cadeia das idades e procurar entender o que nos faz ter dificuldade de nos relacionarmos uns com os outros e de nós mesmos com nossa própria idade.

Na Psicologia do Desenvolvimento há um conceito meio complicado que é o conceito de "creodo". Significa um tipo de organização crescente de mecanismos de percepção e reflexão que evoluem até um determinado grau de complexidade. Alcançando porém um ótimo de complexidade, ele tende a se estabilizar e, em se estabilizando, tende a criar uma permanência que, daí por diante, passa a ser comprometedor para o sistema, porque ele não pode mais se adaptar a diferenças. Também outros autores relacionam esse tipo de fenômeno aos "processos estocásticos", por exemplo, no desenvolvimento psicológico. Essa abordagem descreve o modo pelo qual há uma combinação fortuita entre elementos que são nossas disposições inatas, mais as circunstâncias do acaso que nos impingem conjuntos de impressões que vão marcar nossa estrutura psicológica. E nesse processo de entrelaçamento, de interpolação entre circunstâncias casuais, conteúdos herdados e disposições pulsionais, se modela a personalidade de cada um. Esse é o caso daquelas tendências que, uma vez estabelecidas no nosso aparelho psíquico, tendem a se constituir num modelo fechado sobre si mesmo que, diante de quaisquer circunstâncias, reagem sempre do mesmo modo, o que torna o homem um ser limitado na sua possibilidade de adaptação e, praticamente, na sua possibilidade criativa.

Essas análises, obviamente, nos revelam dados no contexto dos quais a questão da idade deixa de ser uma questão da evolução gradual da vida. Alguém pode ter uma cristalização de sua estrutura psicológica muito cedo na vida e passar o resto dela repetindo compulsivamente aquele sistema que se fechou sobre si mesmo. É o que na psicanálise se chama "situação regressiva": um indivíduo pode ter 70 anos e ter permanecido com

sua estrutura psíquica ou parte dela em seus 12 anos de idade, por alguma razão, não só de natureza sexual. Isso coloca uma questão completamente diferente nas reflexões sobre a definição da idade.

A idade não é o que nosso RG indica; a idade diz respeito aos processos de desenvolvimento psicológico e ela é assinalada por momentos de fixação desses "creodos" internos, que acabam tendendo a se cristalizar num determinado momento, produzindo assim uma espécie de constrangimento pela memória, que lhe impede um enriquecimento progressivo da consciência, ao longo da própria vida. Neste sentido, a vida deve ser entendida e trabalhada como um complexo que só termina com a morte e que é sempre criativo e construtivo até o fim. O que tende a produzir uma espécie de morte precoce, embora o corpo continue em vida, é exatamente esse processo de cristalização e paralização do desenvolvimento psicológico. Logo, para usar uma linguagem mais comum, ser jovem ou ser velho não é absolutamente uma questão numérica da idade. É uma questão da organização e do desenvolvimento do aparelho psíquico e das características da personalidade.

Faço um último comentário sobre algumas transformações históricas recentes que trouxeram complicações dentro da nossa percepção de tempo e da nossa relação com nossa experiência temporal, portanto com nossa experiência de idade. Transformações históricas que ocorreram sobretudo a partir de 1870, na chamada 2ª Revolução Industrial, que marcou o advento da energia elétrica, das indústrias químicas, dos altos fornos, dos motores a combustão, que praticamente é o momento que marca a construção do nosso mundo atual, numa seqüência de transformações tecnológicas absolutamente vertiginosas, até chegarmos à revolução da informática de nossos dias, em que esta vertigem se torna alucinante, quase que impossível de acompanhar. Essa afloração tecnológica, esse prodigioso desenvolvimento do sistema de comunicação social e comunicação de massa em forma de rede, acabaram, ao mesmo tempo, dando origem e sendo intensificados pelos fenômenos conjugados da Primeira Guerra mundial e do chamado Modernismo na área da Cultura. Esse modernismo que não é apenas a questão das vanguardas estéticas, mas a questão também do advento das formas artísticas que trazem implícita em si a questão da velocidade. Por exemplo, a música do jazz, o mundo do cinema e esta invenção

moderna chamada esporte, que praticamente vira imposição social no mundo, a partir do século 20. Tudo isto reforçou a idéia da velocidade, a idéia das mudanças muito rápidas e, portanto, intensificando "in extremis" a valorização dignificadora da juventude e o desprezo pelas idades anteriores ou posteriores. Isso chega ao paroxismo ideológico com o Futurismo de Marinetti que dizia claramente: "é preciso destruir tudo o que é velho, é preciso destruir tudo o que é antigo, é preciso destruir os museus, os arquivos, as bibliotecas, é preciso instaurar a guerra total no mundo para que o mundo se torne uma "tabula rasa" em que só os jovens permaneçam e, a partir daí, construir um mundo novo".

Como sabem, é justamente essa a origem da organização das juventudes fascistas e nazistas, com os hinos do tipo "o futuro me pertence" cantados por crianças em idade de puberdade, que tinham a certeza de que elas é que tinham o poder no momento e era nesse sentido que eram instruídas. A idéia era fazer uma lavagem cerebral para que todos os conteúdos históricos do passado fossem eliminados. Portanto, não só a idéia da velhice se torna culturalmente negativa, ela se torna um conteúdo político extremamente negativo que tem que ser, de maneira frontal, combatido fisicamente e com violência. Daí, a ênfase aos entusiasmos coletivos, aos movimentos ativistas, influenciados pela modernização dos exércitos na Primeira Guerra Mundial, mas também pela música do jazz, pelo cinema, pelo esporte, pelas organizações políticas coletivas, os grandes partidos de massa que surgem no século. Nesse, os partidos totalitários são os exemplos mais característicos e, em particular, como a revolução se torna o tema mais importante não só no campo da política, mas também no campo da cultura, é a revolução levada por jovens para destruir um mundo velho, que é condenado exatamente por ser arcaico, obsoleto e que, portanto, deve ser fisicamente destruído.

Em grande parte, é esta a cena cultural que nós vivemos, muito complicada pela questão hoje da revolução da informática em que a idéia da obsolescência se torna mais traumática e mais terrivelmente perseguida, tanto no campo da cultura como no campo empresarial e nas atividades industriais. Para dar exemplo de como isso acontece concretamente, como as pessoas sentem isso fisicamente, no caso do Brasil, em poucas palavras: nós tínhamos na época do Império um modelo que era todo calcado na imagem do ancião venerando, a figura do Imperador Pedro II. É curioso que a

palavra básica sempre é o "ancião" e a idéia de ancianidade está ligada ao conteúdo conotativo de sabedoria. O império se cumpria de um Imperador e de um Conselho de Estado. Os membros do Conselho eram pessoas muito experientes e maduras, daí se estabeleceu uma conexão entre a imagem dos Conselheiros e a terceira idade.

Quando se fez a república, foi através de um golpe militar – quem articulou a república foi um grupo de jovens oficiais ligados a um grupo de políticos republicanos que criam um novo quadro institucional, destinado a ser encabeçado por técnicos e engenheiros, todos eles muito jovens também. E há um grupo de arrivistas econômicos que tiram proveito da situação confusa e confiscam os patrimônios dos grupos tradicionais, através de vários tipos de negociatas. Não vamos entrar em detalhes, mas a República de repente rejuvenesce o país e faz da juventude um valor muito preciso.

As primeiras circunstâncias do regime são tais porém, que ele se envolve em conflitos militares contínuos (porque esses grupos jovens, exército, armada, são rivais entre si) e entram em luta para tomarem o poder e acabam se destruindo até ao ponto em que enfraquecem totalmente, o que permite o retorno dos Conselheiros. A segunda parte da República é novamente controlada por figuras que vêm do Império, figuras veneradas de anciãos, em particular o Barão do Rio Branco e, depois, como todos sabem, a figura clássica de Rui Barbosa.

Na literatura, outra figura, a de Machado de Assis, que coloca em vigor como sendo a consciência cultural da sociedade, justamente um grupo de Conselheiros, que são as figuras-chaves de seus livros, tais como Brás Cubas, o Conselheiro Aires. Monteiro Lobato fixa os enredos de sua literatura infantil em dois extremos: crianças e velhos. Dona Benta que é uma velha sábia e o Visconde de Sabugosa que é um sábio do tipo Conselheiro.

Nos anos 20, depois da guerra, o Brasil passa por esta espécie de grande vertigem modernista que ataca o mundo, vivendo processos de grande

instabilidade política, a formação de grupos de massa, a introdução do modernismo, a valorização da velocidade, da idéia de juventude e do ataque à velha República que passa a ser chamada exatamente de velha, dando à palavra uma conotação de estigma da obsolescência. É assim que se funda uma nova tradição literária, toda ela calcada na noção de juventude e, também, no nosso país, cuja base cultural tem sido desde então o modernismo, na figura da eterna juventude de Macunaíma que, mal nasce, já vira jovem e morre ainda jovem, só existindo enquanto jovem a vida inteira.

É assim que mitos da eterna juventude vão sendo incorporados sucessivamente na nossa cultura pelo Tropicalismo, pelo Cinema Novo, ou pela idéia sempiterna de que o país tem um problema que são as estruturas velhas que têm que ser combatidas por gente nova e para criar uma coisa nova. O jogo de palavras não é meramente simbólico, meramente representativo: ele tem uma conotação que implica essa cadeia progressiva à qual fazia referência, que é a maneira pela qual a nossa cultura se alienou de sua própria cadeia vital e da cadeia intrínseca da presença da vida na natureza. E este estado de alienação vive o teatro de sua própria angústia, do seu próprio desespero e faz dele o seu maior valor.

O custo que isto tem para cada um de nós é o sofrimento extremo e, para o conjunto da sociedade, um sofrimento que aumenta cada vez mais, quanto mais se afasta daqueles conteúdos dentro dos quais o que restou de dignidade acaba sendo conspurcado. O resultado é uma sociedade profundamente desumana, profundamente injusta, opressiva. E são as pessoas portadoras dessa cultura que, em última instância, são as responsáveis pela opressão de si mesmas e pela opressão de seus semelhantes. Nosso processo estocástico nos foi cruel, mas nosso credo cultural nós o tornamos trágico. Se há pois um mistério no nosso tempo, ele se refere ao envelhecimento precoce da nossa cultura, fixada no mito regressivo da eterna juventude. Nossa busca do tempo perdido, portanto, ao invés de refluir para o passado ou de se pelo futuro, deveria tentar redescobrir a substância única que se depara pelo fluxo natural das idades.

O DESTINO DOS VELHOS EM NOSSA SOCIEDADE

A possibilidade de participar não significa repetir a mesma atividade profissional anterior, mas uma nova atividade, se possível, e uma atividade na qual a pessoa possa se abrir mais para a comunidade, através de ações solidárias, tentando vencer a tendência natural ao individualismo e ao isolacionismo.

**PROF. DALMO DE
ABREU DALLARI**
Dir. da Faculdade
de Direito da USP

O tema que me foi proposto é muito amplo, pois da consideração mais abrangente e mais geral do papel do idoso decorre praticamente tudo o mais. Para análise do tema é preciso uma tomada de posição básica, para que depois então se discutam aspectos de pormenor. E há uma série de circunstâncias e características da sociedade brasileira que encaminham, de certo modo, essas tomadas de posição.

Se perguntarmos quem é o idoso no Brasil, hoje, a resposta é obviamente difícil, pois essa noção encontra-se profundamente alterada. Há um componente subjetivo dentro dessa avaliação. Há quem se sinta idoso com 40 anos de idade e outros não se sentem idosos aos 80 anos. É o tipo de sociedade em que vivemos que faz com que as pessoas com mais idade se sintam jovens, mais capazes e com toda a possibilidade de continuar lutando. Isso cria uma realidade nova e, inclusive, provoca problemas novos, porque a pessoa permanece por mais tempo em plena atividade e isto coloca inevitavelmente alguns conflitos de gerações. Vejo isto na própria Universidade de São Paulo, onde os professores que se aposentam não querem deixar a Universidade, querem continuar trabalhando. Mas, ao mesmo tempo, os que vêm chegando, estão na expectativa de ocupar o lugar e, então, empurram aqueles mais antigos, para que não ocupem mais espaço. Acham injusto isso, porque estão lá há muito tempo, esperando sua vez, já amadureceram, já se acham plenamente aptos para assumir os principais encargos e acham que é até necessária essa mudança, para que introduzam um pensamento novo, uma atitude nova.

E, por outro lado, não se pode deixar de reconhecer

que, com muita freqüência, o professor chega ao momento de sua aposentadoria em plena capacidade intelectual, plena capacidade física, tendo inclusive acumulado uma série de conhecimentos importantes. E isto é um fator de conflito. Aqui já vemos a necessidade de repensar uma situação que sempre foi pensada de maneira diferente: é a situação do aposentado. O aposentado sempre foi imaginado como aquele que está se despedindo da vida: aposentou-se do seu trabalho, de sua função, aposentou-se da vida. Isso foi o que sempre se colocou e hoje, dadas as circunstâncias, não é mais aceitável.

Aposentar-se é uma circunstância, uma formalidade que tem aspectos práticos e pode significar simplesmente mudança de atividade. De maneira alguma deve ser considerada uma despedida da vida. Não me aposento da vida, estou mudando de atitude, é o que deve pensar e sentir o aposentado. E nisso há certas peculiaridades curiosas, até. Ainda há pouco conversava com um amigo que dizia: quando menino, mais jovem, pensava que em chegando a ser um dia avô, deixaria crescer a barba e ficaria contando estórias para meus netinhos. Tudo dentro daquela visão antiga do avô. Mas qual o neto que tem hoje paciência para ficar ouvindo um avô maduro, contando estórias? De fato, é outra a realidade e a disposição dele também é outra, não aquela de ficar contando estorinhas para os netos.

As avós hoje são extremamente jovens, elegantes e querem participar da vida, querem ter o direito de participar da vida. Aquela avozinha de xale, encolhidinha e fazendo bolinhos para os netos representou uma época. Teve seu significado e talvez correspondesse a uma realidade forçada, mas não se verifica mais.

O que notamos hoje é que é preciso repensar as categorias em função da idade. Essa categoria de idoso, de pessoa da terceira idade, se concebe de maneira nova. E isso me coloca, desde logo, perante uma das questões básicas que é a grande opção que em princípio se oferece e até hoje tem sido pouco discutida: o que deve fazer a pessoa em relação à sua velhice. Qual deve ser sua atitude frente à velhice, que pode estar mais distante ou mais próxima? Naturalmente, aqui aparece a questão do que é a velhice, do que é ser idoso.

Mas a colocação que ainda na maioria das vezes se faz é se a pessoa deve optar por se preparar para a velhice – e preparar-se para a velhice tem

sido muitas vezes concebido como preparar-se para um suicídio gradativo, pelo qual a pessoa vai se sentindo morrer aos poucos, devendo aceitar que vai morrer mesmo – preparar-se, então, para ir sendo posta de lado, não ter mais participação. Neste “preparar-se para a velhice” há injustiças tremendas, há agressões extraordinárias, porque o que está se propondo é que a pessoa tente ser o menos visível possível, incomodar o menos possível e, quem sabe até, falar o menos possível.

Preparar-se para a velhice, nessa concepção, é convencer-se de que “já deu tudo o que tinha que dar”, agora “você é só um consumidor, converse o menos possível e atrapalhe menos”. Esta é colocação da não participação, do desligamento. Pode parecer generosa essa idéia da preparação psicológica para o desligamento: alguém se imbuindo da idéia de ser um mero espectador discreto.

Para muitos essa colocação é a que deve prevalecer e alguns até invocam, para justificar isso, certa intenção de generosidade: “Não vamos submeter a pessoa à situação de vexame, a situações de conflito, empurrar o idoso para ter participação, se ele não tem capacidade de participação. Ele pensa que é capaz, mas vai sofrer humilhações, porque às vezes nem fisicamente pode competir”. De fato, não se pode colocar a questão dessa maneira. Como ponto de partida, rejeito essa proposta de preparação para a velhice como idéia de desligamento, isto é, o preparar-se para não ser participante, para ser passivo em relação à vida e em relação à sociedade.

No extremo oposto temos outra idéia, que é a proposta da participação, da atividade. O fato de ter mais idade, de ter-se aposentado não deve implicar a demissão da vida e o começo da morte. Bem longe disso, deve significar a mudança de atividades, a preparação no sentido de aceitar que as atividades serão diferentes e, de maneira alguma, aceitar a idéia de não ter atividade.

E o que significa isto de se ter atividades diferentes? Será que não significa recair na proposta de demissão, de afastamento? Na realidade, não. Acho que é preciso encarar com muita objetividade a questão, com bastante serenidade e analisar as coisas como elas se põem na prática. Pensemos em alguém que trabalha em uma empresa: algum escriturário que cresceu na empresa, chegou à posição de chefia e se aproxima o tempo de sua aposentadoria. É comum que este empregado

relute em se aposentar; ele quer ficar o maior tempo possível e começa a arranjar desculpas para evitar a aposentadoria. Fica aguardando algum reajuste de vencimentos, mais uma promoção, o que funciona como pretexto, porque a idéia de aposentar-se significa desistir de lutar, desistir da vida e começar a morrer.

De fato, há situações que devem ser encaradas com objetividade: uma delas é a questão do método de trabalho das empresas. Alguém começa a fazer fichas à mão, passado algum tempo começa a fazer tudo à máquina. Com a chegada da modernização da empresa, do computador, coloca-se um tipo de conflito que é real: a desadaptação do funcionário ante às novas tecnologias. De qualquer maneira, o aposentado ou o idoso deve, em princípio, acatar a idéia de que deve participar, de que tem não só a possibilidade, mas principalmente o direito de participar, de continuar a ter participação ativa. E aqui se abre um campo para indagações: como participar e em que medida pode ser essa participação?

É possível estabelecermos algumas pistas de caráter geral, mas isso se deve completar com as condições pessoais de cada um. Em verdade, não existem parâmetros absolutos, não há esquemas em que todos se devam enquadrar, mas levem-se em conta as próprias características, tendências e interesses de cada um. Um exemplo é a participação da mulher no mundo do trabalho. A sociedade hoje quase que exige a participação da mulher no trabalho fora do lar, por questões sociais ou econômicas, quando grande parte delas gostaria de permanecer no lar, cuidando da família. É preciso dar a elas a opção. Isso vale para a dimensão da participação do aposentado ou do idoso: a intenção deve ser a de participar. É preciso, contudo, reconhecer a existência de limitações, diferenças individuais, preferências e peculiaridades. Há muitos que poderiam se engajar em movimentos voluntários, inclusive naqueles que advogam melhores condições de vida para o próprio idoso, utilizando habilidades adquiridas durante sua permanência em atividade profissional.

No Brasil, nos viciamos através do tempo – e isto deve ter tido origem nos tempos de colônia – em esperar que o governo apresente soluções para todos os problemas, mormente no aspecto particular do idoso e do aposentado. É preciso que isso se modifique e que todas as pessoas procurem ter papel ativo na sociedade, que as pessoas se organizem e participem das soluções. Eviden-

temente, isso deve começar com a educação para mudança de consciência, desde as primeiras idades.

Descobrimos recentemente que se pode abrir um campo considerável para as associações e organizações civis. Na nova Constituição, na parte inicial que trata dos direitos do cidadão, está garantido o direito das associações de agirem no judiciário ou fora dele em favor de seus membros. Esta é uma inovação extremamente importante. Até hoje, o cidadão não toma atitudes quando vê seus direitos serem violados, com medo de represálias ou por desconhecimento dos caminhos a seguir, ou ainda por falta de meios. A partir de agora, as associações poderão defender seus membros e, portanto, passa a ser importante a criação dessas associações, mormente de voluntários, com tempo disponível. Outro ponto que a Constituição inova é a previsão de âmbito dos municípios, em que o planejamento municipal deverá ser feito a partir da consulta às associações de moradores, para determinação de suas necessidades e prioridades.

A possibilidade de participar não significa repetir a mesma atividade profissional anterior, mas uma nova atividade, se possível, e uma atividade na qual a pessoa possa se abrir mais para a comunidade, através de atividades solidárias, tentando vencer a tendência natural ao individualismo e ao isolacionismo. Isso tudo abre perspectivas novas para as pessoas mais idosas. E significa também uma cobrança, na medida em que essas pessoas não podem mais ser omissas. Se acumularam experiências, se têm uma visão da sociedade que não tinham no passado e se têm mais tempo para se dedicar ao trabalho de interesse social, não têm o direito de se omitirem e devem assumir responsabilidades que antes não puderam assumir.

Abre-se também uma nova possibilidade de participação na atividade pública, o que antes não era possível. Considero que esta posição é a mais adequada e mais condizente com a manutenção da dignidade humana: o uso continuado do seu potencial, a atitude positiva de integração e reintegração à sociedade através da participação política. É preciso que esta participação mantenha a conotação de atividade voluntária, complementar ao lazer. E voltamos a lembrar que deve sempre respeitar as limitações físicas e diferenças individuais. Fazendo um paralelo com isso, lembramos de como hoje se enfatiza a necessidade da partici-

pação e da mobilidade por parte dos deficientes físicos e dos deficientes mentais. É considerado anti-humano o isolamento de qualquer pessoa. Com mais razão isso se coloca em relação à terceira idade. Desta forma, toda a sociedade se beneficiará dessa atitude positiva, dessa atitude de auto-doação das pessoas da terceira idade.

Lembremos aqui o que disse o escritor Osman Lins: "nenhuma mudança profunda pode ser conseguida, se não começar pela consciência das pessoas". Podemos mudar a Constituição, a organização social, mas não haverá mudança profunda se esta não se operar no íntimo das pessoas. Contudo, mesmo em termos formais, notamos sinais de alguma mudança. No novo texto constitucional, quando se refere ao idoso, o artigo 230 dispõe: "a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida". Nos parágrafos 1º e 2º se estabelece que "os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares e garantindo o transporte gratuito aos maiores de 65 anos de idade". Aqui notamos uma transição entre a idéia assistencialista "é preciso amparar o idoso" e "os programas preferencialmente executados nos lares" (é como se devesse guardar o idoso em casa para que não atrapalhe), e a idéia de participação, de integração social através de atividades de convivência. Não podemos negar certo avanço, mas é necessário e possível exigir mais direitos, pois o que está na Constituição não foi dado de presente. É preciso saber que grupos e associações de idosos estiveram em Brasília fazendo "lobby" e o fizeram com muita competência e alguns desses idosos provavelmente estão aqui nesta platéia. Essa abertura na Constituição é uma conquista que prova a capacidade de inovar desta faixa etária, o que vem desmentir a série de preconceitos que taxam o idoso como incapaz de novas conquistas e iniciativas. É importante frisar que esses preconceitos se originam da ideologia do capitalismo, que considera o idoso como não apto a aumentar a produtividade e o lucro do capital. Desta forma, trata-se mal o aposentado que, às vezes, chega a ser agredido verbal e até fisicamente pelo sistema, quando, por exemplo, não se oferecem a ele condições de atendimento e de moradia condignas. O aposentado, para o capitalista, é uma ferramenta velha, imprestável e substituível. Tal situação deve ser modificada através de exigências, de luta, de participação. Não se consegue implantar a democracia e a justiça social sem a participação das

pessoas e essa passou a ser um direito e um dever de todas as pessoas e de todas as idades.

Do ponto de vista pessoal, a participação significa a possibilidade de continuar realizando-se enquanto ser humano, com a consciência de que o passar do tempo não elimina a pessoa e não a deixa menos humana. Podemos, portanto, concluir, em primeiro lugar, que se deve rejeitar a idéia antiga e tradicional de que o preparar-se para a velhice significa demitir-se da vida, preparar-se para o suicídio gradativo. Preparar-se para a velhice significa pensar em novas atividades que poderão ser exercidas, pensar em uma nova vida, integrada na vida social.

Podemos ressaltar algumas conseqüências positivas dessa participação: o aposentado, o idoso ou não, não é mais um competidor, ele tem mais capacidade de doação e também contribui efetivamente para a sociedade, enquanto não ocupa o lugar de ninguém e está mais apto a auto-doa-se. O viver significa acumular experiências que podem ser em muitas circunstâncias um fator de moderação, um fator de prudência, sem a pretensão de impor aos mais jovens suas idéias. Essa é uma vantagem do idoso.

Acho oportuno lembrar, neste momento, a história escrita por Thomas Mann; "Carlota em Weimar", uma obra inspirada em Goethe, na qual o escritor consagrado e quase uma lenda viva na Alemanha, o monstro sagrado da poesia, da cultura alemã, se encontra com Carlota. Seria como Gabriela, já em idade avançada, encontrando-se com Jorge Amado. Um grupo de jovens literatos de Weimar procura Carlota para pedir-lhe que, encontrando-se com Goethe, transmita a ele a admiração do grupo, mas ao mesmo tempo desculpe os jovens por estarem ligados literalmente a Hoffmann, agora ídolo da cultura germânica. E pedem que ela diga a Goethe que cada geração quer ter os seus ídolos, sem que isso signifique desrespeito pelas boas coisas produzidas no passado.

Quero dizer com este exemplo que, embora tenha escrito meus livros, propagado minhas idéias, não posso exigir que a cultura se estanque em mim. Ao contrário, minha participação com tudo o que é minha experiência pessoal não significa que vou me impor aos demais. Antes, é uma contribuição no sentido de indicar caminhos. Não se trata, portanto, de ver as coisas na base do tudo ou nada, – ou me aceitam integralmente ou me rejeitam – pois a vida não caminha dessa forma.

Ultimamente, estou sentindo que no Brasil passamos por um momento em que a participação através da experiência é muito importante, pois tenho notado, em minha convivência com os jovens na Universidade e em outros núcleos onde compareço para palestras, que a juventude vive uma fase de grande impaciência. Frequentemente, perguntam se existem soluções para os problemas que enfrentamos, como a corrupção, a situação econômica instável. E querem saber quando haverá condições de se criar um país novo. Noto nessa juventude uma atitude de radicalismo, atitudes de desesperança sobre o futuro do país, porque ninguém aponta os meios para uma mudança total e imediata. O que tenho dito a esses jovens, é que criar um país novo significa, no Brasil, mudar quase 500 anos de história e que de uma hora para outra isso não se consegue.

Essas situações de conflito, em minha opinião, são provocadas em grande parte pela imprensa, rádio, jornais e tv que veiculam, com insistência, aspectos apenas negativos do processo que vivemos, generalizando a corrupção dos políticos, desacreditando as instituições e ridicularizando a atividade política. Parcela de culpa por esta situação de desesperança e de descrédito cabe aos governos militares que nos antecederam. Para eles, sempre era o governo que decidia tudo, pois o povo não era capaz de pensar e de decidir. Insistiam em que cabia a eles disciplinar, ditar normas, enquanto o povo deveria cumprir seu papel com cega obediência, seguir a "ordem unida". Essa ideologia gerou as atitudes negativas de não participação, por submissão. Por sua vez, os pais não assumiam seu papel político e não permitiam que os filhos o fizessem, porque estavam convencidos

de que a política é necessariamente corrupta. Neste sentido, cabe também à população mais idosa e mais experimentada a responsabilidade de reverter essa situação através de ações positivas de participação. Considero necessário, principalmente, que se ressuscite a vida familiar, as reuniões de família, pois embora haja diferença de gerações, de problemas e pontos de vista, é possível e necessário manter o sentido da família, que é processo participativo fundamental. E é importante, através desse espírito de família, difundir os valores da esperança, com estímulo à participação, à ação solidária, à ação positiva.

Consideremos, por hipótese, que isso é fantasia. Eu gostaria de proclamar, então, que os mais idosos têm, em primeiro lugar, o direito de participar da vida social com suas capacidades, sua afetividade, com suas aspirações. Em segundo lugar, essa participação é um dever que precisa ser cumprido, apesar das resistências. Desta forma é que começaremos a eliminar a discriminação da qual falávamos no início, contribuindo para transformar em realidade aquilo que para os pessimistas é fantasia ou sonho irrealizável.

Para encerrar, lembro as palavras do grande papa João XXIII: "Só onde houver justiça é que pode haver paz". Temos, portanto, que trabalhar para que exista uma sociedade justa, sem discriminação por motivo de raça, cor, sexo e de idade. As gerações mais idosas e mais experimentadas podem dar uma relevante contribuição no sentido de criar, no Brasil, uma sociedade justa e solidária, na qual todas as pessoas serão igualmente respeitadas e poderão viver em paz.

EROS E SUA IMANÊNCIA EM TODAS AS IDADES

Talvez o que excite o amor seja não a descoberta, mas a busca constante. Eros é ávido, caçador, carente e astuto, organizador, desejoso de saber, insaciável no sentimento e na razão, coerente e contraditório. Existente é o ser que cria, modela a vida através de Eros, numa contínua procura de identidade, dos mistérios da vida.

ANA P. FRAIMAN
Psicóloga

HISTÓRICO*

Eros, criador de toda a vida”, força poderosa que não tem origem, porque é, em si mesmo, o princípio de tudo. O elemento que produz e une mortais. Sua genealogia perde-se na distância do infinito e do mistério, na imensidão do universo que ele harmoniza e alimenta com a vida.

Só os filósofos atribuíram-lhe pais, porém tão elevados que o eximem da poeira da matéria, das coisas que os homens “erroneamente” julgam valiosas. Platão menciona-o como fruto da Pobreza e do Recurso, filho da Prudência. Outros o fazem nascer de Júpiter e de Vênus, mas todos concordam em que a natureza de Eros expressa, ao mesmo tempo, uma forma, uma idéia, um sentimento.

Poetas cantam-no como símbolo impalpável da vida que corre no sangue dos homens, nas linfas da terra, na harmonia dos astros, no vigor dos animais e na germinação das plantas. Não lhe atribuem pais, porque a vida não pode ter filiação alguma.

Associando-se aos poetas, o pintor renascentista Ticiano retratou os mais belos feitos de Eros: uma multidão de crianças – alegre festa da vida humana, onde a natureza exuberante participa do triunfo.

* Texto baseado na obra “Mitologia”, capítulo “Eros”, de José Américo M. Pessanha, Vol. I - páginas 30-48, Editora Abril Cultural, SP/SP

LENDAS

Em busca de decifrar o mistério do surgimento de Eros, muitos e muitos filósofos estabeleceram lendas acerca de sua origem. E isto somente acontece a partir de meados do século VIII a.C., na obra de Hesíodo, poeta grego. Até então, Eros não aparecia entre os deuses que povoaram as epopéias de Homero; era apenas cultuado em Téspias, na Beócia (onde nasceu Hesíodo), enquanto agente fecundador do gado e dos matrimônios.

Tal início (com Hesíodo, séc. VIII a.C.) de seu aparecimento não deve ser desprezado, pois é aí que a compreensão do divino, entendido como fundamento de toda realidade, adquire organização e coerência. Surge, então, a figura de Eros, fator responsável pela unificação das forças divinas que regem os destinos dos homens e do universo.

Em uma de suas obras (Teogonia), adotando o princípio de que tudo tem origem, Hesíodo nos mostra que primeiramente surgiu o Caos – espaço aberto, matéria informe – e, em seguida, a Terra e Eros, o Amor “criador de toda a vida”. Estabelece-se, então, um caráter que o deus conservará para sempre: o de liame, de mediador.

Se o trabalho principal da filosofia consiste na tentativa de vincular através de causas que a justifiquem a pluralidade das coisas e dos eventos, para encadeá-las e integrá-las numa compreensão unificadora, compreende-se que Eros seja visto como patrocinador desse amor à sabedoria, desse desejo insaciável de, tudo ligando, tudo conhecer.

Mas, como Eros, a razão também opera por meio de relacionamentos e vinculações. Daí, então, o aparecimento de Eros na obra de Parmênides de Eléia (séc. VI a.C.), considerado o primeiro grande filósofo racionalista da história do pensamento ocidental. Parmênides, em seu poema “Sobre a Natureza”, traça os caminhos que se oferecem aos mortais: o da certeza alcançada estritamente por meio da razão e o das opiniões fundadas nos depoimentos dos sentidos. Ao descrever essa segunda via, o filósofo oferece uma versão da origem do universo, como constituído por dois princípios contrários: luz e noite. Todas as coisas seriam assim compostas, pela mescla desses dois princípios em equilíbrio recíproco. Eros, o intermediário por excelência, aparece então como o autor da mescla que é o fundamento do universo.

Mais uma vez, no papel de união, surge o amor (Eros para Hesíodo, Philia para Empédocles de Agrigento (495-435 a.C.)), onde o universo é produzido e se transforma através do jogo permanente de duas “forças” opostas e complementares: Philia, o Amor, aproximando os dissemelhantes e Neikos, o Ódio, aproximando os semelhantes. Estas “forças” atuam (Philia/Amor e Neikos/Ódio) sobre as 4 “raízes” ou elementos primordiais da realidade: água, ar, terra e fogo. E somente no período em que o amor prepondera, a força de atração e de junção dos dissemelhantes (as 4 raízes) tende a abolir todas as diferenças, para instaurar, no limite extremo, o reino do perfeito equilíbrio.

Porém, de todos os antigos pensadores, quem mais se dedicou a debater o amor foi Platão (427-347 a.C.). Platão coloca o amor como uma via de compreensão, de conhecimento. Em sua obra “O Banquete”, o amor é mediador entre a sensibilidade e a compreensão pura das coisas que existem; daí tem-se que a ciência não resulta apenas de um esforço ordenado da inteligência, sendo também obra do amor. É nesta obra que Sócrates – um dos personagens – relata a origem de Eros...

O Olimpo está em festa. Reunidos, os imortais banqueteiam-se em regozijo ao nascimento de Afrodite (Vênus), a bela deusa do amor. Pelas taças de ouro corre o néctar abundante, a estimular a expansão de despreocupada alegria. Os deuses riem.

Terminado o festim, surge à porta uma figura andrajosa e esquelética: Pênia, a Pobreza. Pênia vem mendigar os restos do banquete. Antes, porém, de esboçar qualquer movimento em direção à mesa, vislumbra a figura de Poros, o Recurso, filho da Prudência. De longe vê quando Poros, embriagado pelo excesso de néctar, se afasta dos imortais e entra no jardim de Zeus (Júpiter). Ali se deita e logo o jovem deus cai em sono pesado. Pobreza, que vivia justamente à cata de recursos, toma neste instante uma resolução: ter um filho de Poros. E com esse intuito dirige-se também para o jardim. Sem ruído deita-se junto a Recurso. Abraça-o. Desperta-o. E concebe o filho desejado: Eros, o Amor.

Gerado no dia do nascimento de Afrodite (deusa do amor), o filho de Pênia será sempre companheiro e servo da Beleza. E para sempre também será duplo: da mãe herda a permanente carência e o destino de andarilho; do pai herda a

coragem, a decisão, a energia que o tornam astuto caçador, ávido do belo e do bem.

Das duas heranças reunidas decorre sua sina singular: nem mortal, nem imortal. Ora germina e vive, quando enriquece. Ora morre. E de novo renasce. Perenemente transita entre viver, morrer e ressuscitar. Marcado pela carência que lhe transmite Pênia, ele não é sábio. Mas esforça-se por conhecer, porque ama a Sabedoria: Eros filosofa.

Um dos mais recentes autores, Rollo May, em seu livro "A Coragem de Criar", filosofa sobre uma das partes de Eros: a parte da coragem. Camus e Sartre afirmam que a coragem não é ausência de desespero, mas "a capacidade de seguir em frente apesar do desespero". A coragem não é uma virtude nem um valor entre os valores do indivíduo, como o amor e a fidelidade. É o alicerce que suporta e torna reais todas as outras virtudes e valores. Será que estamos chamando Eros de coragem? A coragem é necessária para que o homem possa ser e vir a ser. Para que o "eu" seja, é preciso afirmá-lo e comprometê-lo com a coragem.

Rollo May nos fala sobre 4 tipos de coragem: a coragem física, a coragem moral, a coragem social e a coragem criativa. A coragem física é o tipo mais simples e óbvio. Maldosa, segundo os mitos dos homens das fronteiras, é aquela que empresta dos seres humanos a auto-confiança e a capacidade de enfrentar tremendas solidões. É a carga, a força bruta de nossos desbravadores que conquistaram nossas fronteiras. Mas existe uma nova forma de coragem corporal: o uso do corpo não mais para o emprego dessa força bruta, para o desenvolvimento exagerado dos músculos, mas para o cultivo da sensualidade, a valorização do corpo como um meio de criar empatia com outras pessoas, a expressão do "eu" como objeto de arte e como fonte de prazer.

Da coragem moral, Rollo May, nos diz que todas as pessoas que têm coragem moral detestam a violência. A coragem moral nasce não apenas da audácia, mas da compaixão pelo sofrimento da humanidade. Tem origem na identificação da sensibilidade com o sofrimento do próximo: isto é, o Amor.

Coragem social é a capacidade de se relacionar com outros seres humanos, de arriscar o próprio Eu, na esperança de atingir uma intimidade significativa. Requer intimidade simultânea nos vários níveis de personalidade e só é possível ven-

cer a alienação. Para crescer não basta sermos nós mesmos, mas é preciso participar da individualidade do outro. E aqui existe um paradoxo: nós devemos nos comprometer por inteiro e, ao mesmo tempo, ter a consciência de que podemos estar profundamente enganados. Essa é a dialética entre a convicção e a dúvida.

O quarto tipo de coragem de que fala Rollo May é a coragem criativa. E ele diz que se a coragem moral é a correção do que está errado, a coragem criativa é a descoberta de novas formas, novos símbolos, novos padrões segundo os quais nova sociedade possa ser construída.

A potência da coragem criativa é proporcional ao grau de mudança e de sofrimento de que se padece num dado momento histórico social.

Outras origens são também aferidas a Eros, no período helenístico. Dentre estas, a de Eurípedes (480-406 a.C.), último dos grandes poetas trágicos gregos, que ressalta o duplo caráter de Eros: ora é a força perniciososa que conduz à ruína, ora (quando moderado) é o poder saudável que leva à virtude.

"Somente mais tarde, na época alexandrina, é que Eros passou a assumir o aspecto de menino travesso, cujos caprichos são o tormento de deuses e homens. Para ressaltar sua imprevisibilidade, irracionalidade e inconstância, Eros torna-se Cupido, uma criança freqüentemente alada, que fere os corações com suas flechas. Mas agora é um Eros que perde a sua dimensão cósmica para se transformar no buliçoso promotor de aventuras galantes entre os mortais".

No século II, o escritor romano Apuleio compôs a estória de amor entre Eros e Psiquê (alma). Na verdade, seu relato tem raízes na mitologia e guarda profundo significado alegórico. Partindo de dados elaborados pela tradição platônica, mostra que só o amor consegue tornar a alma feliz e que esta é capaz de enfrentar todos os obstáculos para reencontrar Amor, filho da Beleza (Afrodite). Por esta razão é que, dentre as várias lendas sobre a origem de Eros, existe aquela que o faz nascer de Afrodite (Vênus), deusa do amor e da beleza".

Afrodite, deusa da beleza, enciumada com a beleza da princesa mortal, Psiquê, estabeleceu um plano para vingá-la: pede a seu filho Eros que use suas flechas encantadas e faça Psiquê apaixonar-se por ela.

nar-se pela criatura mais desprezível do mundo. Mas eis que Eros se apaixonou pela bela mortal e muda tal plano. Torna-a inatingível aos mortais e convence sua mãe (Afrodite) de que finalmente ela estava livre da rival.

Desejando ter Psiquê para si, Eros pede a ajuda de Apolo (deus da luz/Sol) e este último convence os pais da princesa a deixarem-na no alto de uma colina pois só assim ela seria desposada, e por uma serpente alada, mais forte que os deuses. Fazendo como o Oráculo havia ordenado (ou como assim o pensavam), Psiquê foi deixada lá em cima, sob os lamentos de seus pais e irmãs, estas já desposadas por mortais nobres e ricos. Ah! que destino desafortunado!

Levada para um castelo longínquo, cercada de muita beleza e conforto, Psiquê inicia sua vida com Eros. Mesmo sem saber quem ele era, pois Eros se disfarçava, acaba se apaixonando por ele. Sempre se sentindo observada, de dia Psiquê fica só, mas à noite é visitada por aquele que a cobre de carícias e juras de amor. Vive feliz.

Porém, preocupada com suas irmãs que vivem a chorá-la no topo da colina para onde fora levada, Psiquê pede a seu amado que a deixe conversar com seus familiares, para lhes aplacar a dor. Eros permite, mas avisa Psiquê que deveria se precaver contra uma desgraça que lhe poderia advir por intermédio de suas irmãs. Adverte-a de que, para evitar a desgraça, não deveria jamais tentar ver o seu rosto (do amado). Ela jura e parte.

Durante o reencontro, os sentimentos das irmãs de Psiquê se transformaram de lamúrias em desejos de vingança (por ciúmes da felicidade da irmã). Numa segunda visita de Psiquê, convencem-na a acender uma lamparina, quando de seu encontro amoroso, para se certificar se estava mesmo com um monstro ou não e, caso assim fosse, que o matasse com uma lâmina. Confusa, fica oscilando entre o amor e a desconfiança, até que, numa noite, quando Eros adormeceu, Psiquê acendeu a lamparina e viu o seu belo rosto. Chorando de arrependimento, deixou cair uma gota de óleo quente no ombro de Eros, o que o acordou. Profundamente triste, Eros vai-se embora. Psiquê rogava-lhe que ficasse. Em resposta ele lhe disse: "o amor não pode viver sem confiança". E saiu de vez.

Psiquê, em desespero, passa a percorrer o mundo em busca de seu amor perdido. Enquanto

isso, Eros refugia-se em casa de sua mãe Afrodite que, ao saber do acontecido, mais uma vez jura castigar a mortal. Todos os deuses, sabendo da ira de Afrodite, recusam-se a ajudar Psiquê que acaba, finalmente, indo pedir ajuda à própria deusa Afrodite. Esta, querendo humilhá-la, designa-lhe três tarefas praticamente impossíveis de se realizar. Psiquê por várias vezes esteve a ponto de desistir da vida e do amor; mas, ajudada por algumas pequenas criaturas que se condoeram perante o seu desespero, realizou as tarefas.

Enquanto isso, Eros se restabelecera fechado em seu quarto, vigiado pela mãe que temia um possível reencontro entre os dois. Porém, num desliz da mãe, Eros foge e encontra a amada caída, tomada pelo sono profundo que se lhe acometeu após abrir uma caixa endereçada a Afrodite (resultado de sua terceira tarefa). Tinha aberto esta caixa, buscando a beleza, supostamente ali guardada. Vaidosa que era, pensando ter-se tornado feia após tantos percalços, abre a tal caixa e cai nas garras do sono profundo.

É assim que Eros a reencontra. Dá um jeito de aprisionar o sono, de novo, dentro da caixa e acorda a amada Psiquê. Repreende-a, docemente, por tê-la aberto e diz-lhe que a entregue a Afrodite, como se nada houvesse acontecido.

Terminam, assim, as provações de Psiquê que recupera o amor. E para ter certeza de que nada mais aconteceria à sua amada, Eros pede a Zeus (Júpiter) que o una, em matrimônio, à bela jovem Psiquê, toma a ambrosia e torna-se imortal, conforme concedido por Zeus, e casa-se para sempre com Eros.

O ciúme de Afrodite fica frustrado, impotente. Agora, Psiquê era imortal e estava unida irremediavelmente a Eros. Nada mais poderia separá-los. Dessa união nasce Volúpia.

Falemos agora de Eros como Amor

O que é o amor?

É um estado, uma condição, um gesto, um sentimento. É do corpo, é da alma, dos homens, das mulheres de qualquer idade e até mesmo dos animais. É dos deuses e dos mortais, início, meio e fim. Designa, ao mesmo tempo, o ato de dar e o ato de receber, a caridade e a avidez, a beneficência e a cobiça, o ardente desejo que se tem de tu-

do que nos possa preencher e a obrigação sem reservas; a apoteose da preocupação consigo próprio e a preocupação com o outro levada ao seu paroxismo; sob a aparente devoção, a realidade oniprese te do egocentrismo, posse e despreendimento ideal e real.

O amor pode ser pensado, mas não ensinado. O amor, para se sabê-lo, só pode ser vivido.

Onde o amor (Eros) se encaixa no ser? Para chegarmos à resposta, devemos ainda nos perguntar: que é existência?

A esta majestosa questão responde Emanuel Lévinas, filósofo, com a narração do drama de Oblomov, personagem da literatura russa.

Oblomov padece de um mal comum: a preguiça (inércia) que esse homem radicaliza até chegar a um repúdio de toda e qualquer forma de acontecimento.

Oblomov aspira a uma calma total e nunca consegue realizar por completo seu ideal. Proprietário, vive das rendas de suas terras, mas ainda achava demasiado essa sua ociosidade. Tinha que se ocupar com a administração de seus domínios, fazer visitas, viver, em uma palavra, e sua monumental preguiça se rebelara contra todas essas concessões. Então, enclausura-se, foge de toda animação e se refugia na apatia. Impede até que a luz do dia adentre as quatro paredes de sua habitação. Nada é válido para ele!

Mesmo no ar há muita agitação para Oblomov, sempre demasiada vida e tumulto em torno de sua inação. Sua respiração agita esse ar cheio de vida! Ainda quando deixava de abrir a correspondência trazida pelo correio, ainda quando confiava a outros o trabalho de administrar suas propriedades, expulsara a todos os importunos, passava o tempo deitado. Em suma, ainda quando decidira, de uma vez por todas, romper com todos os laços, com o mundo exterior, para abandonar-se a uma indolência absoluta, supostamente sem obstáculos, ainda assim restaria a Oblomov esta realidade, este peso, esta carga, esta empresa da qual não se pode desertar: a existência!

Pode-se tirar folga de qualquer atividade, menos de ser! Oblomov afasta todos os obstáculos que se opõem ao seu repouso, somente para tropeçar com uma escolha insuperável. Sua preguiça é um suspiro inútil!"

Existir, diz Lévinas em suas conferências no Colégio Filosófico de Paris, França, é um peso e não uma graça! A existência se impõe com todo o peso de um contrato irrevocável. Ele diz: "Uma pessoa não é. Ela se é". (Sartre dizia em *L'Être de la Raison*: "Existir é isto: beber-se sem sede!") É esta a obrigação que inspira Oblomov: "uma lassidão que protesta contra a pesada carga do existir." Por detrás do "há de fazer" percebe-se um "há que ser" e Oblomov, sem ter meios para fazê-lo, rejeita sua condição de ser. Mais do que um símbolo social ou um índice de neurose, sua letargia é uma experiência ontológica.

Ao evitar todos os enredos e sendo inapto para as grandes tragédias, Oblomov atesta esta tragédia fundamental: por fadiga ou atonia, o homem se curva ante a experiência, vai arrastando os pés, às vezes consegue um momento de evasão, uma pausa para respirar... mas a evasão é impossível, pois o homem está enclausurado no ser".

Aqui eu afirmo: mesmo a mais profunda das depressões é uma forma erótica de resistir. O homem está enredado em Eros, enquanto estiver vivo!

O filósofo Lévinas nos alerta: temos que superar o sarcasmo e o medo, a suficiência e o complexo de inferioridade. O que ele nos propõe é a "fenomenologia do amor": enquanto vivo o homem não tem vida, ele é vida; enquanto vida, o homem é Eros! A fenomenologia faz do "pequeno" e insignificante, o caminho de acesso ao "grande" e recoloca a terrífica questão do Ser, a que nos habituamos, mais modernamente, a encarar com uma mescla de desdém e terror! Discute-se o Amor. Não se discute o Ser?

Questionar o Ser é fazer reviver, desde o âmago, "o medo experimentado pelo bebê que está só no escuro". Fazer reviver e não interpretar. Penetrar no medo, para conhecê-lo, e não explicá-lo: quando o nenê não pode dormir e todas as luzes estão apagadas, ele se põe a escutar o murmúrio impalpável da noite e então o que apreende é, em sua pureza, a existência sem existente, a forma anônima de ser.

Nesta imobilidade não há nada, mas esse vazio é denso, essa paz é um alvoroço, esse nada está povoado de minúsculos sons e vibrações inacessíveis; não há nada, senão o ser em geral, o inevitável rumor do "HAY=Vida". Sempre vida, mesmo quando não há algo, é isso que o nenê

comprova. O espanto nasce nele, ao sentir-se como que absorvido por essa existência sem contornos; o espanto arranca o véu da existência, naquilo que ela tem, por sua vez, de impessoal e de contínuo, algo que não se detém nunca.

Que é isso? O evento do ser. Eros. Animação da própria vida...

No silêncio noturno, o que horroriza é, não a morte, mas o ser. É menos aterradora a idéia da cessação da existência do que a idéia de uma existência incessante... Tal é o conflito entre Eros e Tanatos. Conflito ou co-existência entre a vida e a morte?

Para Lévinas, a experiência mais determinante que a angústia do nada, é o horror de ser.

Ao chegar a luz do dia, cada coisa volta a ocupar seu lugar, cada objeto volta a adquirir seu nome. O ser se cobre com um véu que se esparrama em realidades distintas. O mesmo "eu" retorna à sua identidade, se reergue, emerge da indeterminação, assume um ser que é, de novo, seu ser junto com outros seres. A luz volta a personalizar o mundo e dissipa o pesadelo do "HAY=Vida".

É uma vitória incompleta, porém, pois existir supõe suspender o anonimato do ser, forjar-se um domínio privado, um universo próprio – a identidade –, mas ao mesmo tempo significa não poder fugir da existência, ausentar-se dela. Existir é permanecer, em virtude de estar encerrado em si mesmo. Tanto em Lévinas como em Sartre podemos entender então a preguiça e a fadiga como mal-estares metafísicos, momentos em que se assume que se está definitivamente atrapalhado na existência.

Preguiça e fadiga como manifestações de Eros ou ausência de Eros?...

O "eu" sempre tem um pé em sua própria existência. Exterior em relação a todos os demais, o "eu" é interior em relação consigo mesmo, ligado a si mesmo. Está permanentemente encadeado à existência que assumiu. Esta impossibilidade para o "ego" de não-ser-além-de-si-mesmo, marca o caráter fundamentalmente trágico do "eu", o fato de que esteja cravado em seu ser.

"Ser ou não ser", eis a questão?

Quem sabe o ser que é não consegue dizê-lo

ou definir! Eu sou o que sou e também sou o que não sou (se sou morena e não sou loira, estou presa às duas condições que me definem e ambas desdizem a outra...)

O lógico é o cativo no ser e não a angústia do nada e o laço inicial em que a consciência se descobre cativa é o laço da identidade.

Podemos, então, dizer que Eros transcende a identidade e não se deixa nunca capturar. É busca e encontro. Talvez daí que o amor apaixonado nos coloque em confronto direto com todas as nossas contradições.

Falemos, então, um pouco, do amor entre um homem e uma mulher! Por que não dizê-lo em poesia?

"É... a poesia enfeita a realidade, chegando por vezes até a nos enganar. Porém, num dado ponto, o peito cheio de ansiedade, reclamado pela atenção não recebida, pelo amor não compartilhado, pelas saudades não expressas mas sentidas..."

A poesia nesse ponto deixa de ser um enfeite para se tornar uma necessidade, cataplasma de mundo de maldade, d'alma que reclama pelo seu deleite.

Poesia é, então, perante a dor e perante o amor, um modo de colocar em pensamento o que vai no sentimento. Poesia é um modo de dizer o dia-a-dia simplesmente de uma maneira diferente."

O amor faz com que se vença o tempo e se vislumbre a eternidade.

"De repente, sinto esses calafrios que não sei se são de espera prolongada ou de entrega antecipada..."

Como se fosse sempre a primeira vez, é a vida que corre nas minhas veias, desejo transtornado qual caudalosos rios...

Tenho tua essência circulando no meu sangue, na minha alma o teu nome para sempre gravado.

Senhor absoluto das minhas vontades,
maestro das minhas vaidades,
audacioso mestre que afina meu corpo possuído...

Mas às vezes me parece viver sempre à espera,
como se o "sempre" fosse a minha dimensão
de tempo, de continuidade...

No entanto, pouco me importo, espero você...
porque sem você o tempo não é tão importante,
tudo fica transitório.

É a teu lado, somente, que venço a morte
e tenho a sensação da eternidade.
Sabor de vida, vida de verdade!
Ai, que medo de te perder!"

Podemos também dizer que no orgasmo erótico,
no encontro sensual, sexual, existencial de
dois seres apaixonados, se abre mão da identidade
com prazer. Conhece-se aí a beleza, a completude
e a felicidade e também o terror imediato de nunca
mais voltar a fazê-lo! E a esperança de acontecer
de novo! E o vazio enquanto não acontece!

O amor é quase uma despedida

"Senti o sabor da alegria em tua boca,
a carícia de cetim de tuas mãos,
o calor irradiando de teu corpo,
o embalo do mar no teu abraço...
Viajei para o infinito e lá fiquei,
até que me trouxeste de volta,
em espasmos de amor incontido,
sem saber de onde vinham, se de mim, de ti...

Conheci a hora culminante de perder os sentidos,
enquanto alerta e em contato direto com vida,
parecendo-me ser mais você que eu mesma,
pois tão bem me adivinhavas,
no que eu mais queria!
Oferecida e encantada te recebi em mim,
sob o domínio de teu modo fascínio;
qual rainha, por ti era tratada,
enquanto tua serva eu me fazia!

Me perdi em ti e lá me encontrei
segura, feliz, agitada,
sob o comando de nossa intensa excitação...
Tão mais tensa me fazias,
para logo em seguida jorrar em êxtase
de mulher bem servida,

posto que tanto, tão bem amada!
Mas já passado e um tanto longe,
a não ser pela recordação,
quase tudo terminado,
pensando em ti eu digo:
valeu ter-te conhecido,
eu cresci ao ter-te amado!"

Alain Finkelkraut diz: "antes que ser violência ou violação, o erotismo é a experiência da inviolabilidade do outro, ou melhor ainda, de seu pudor... Por mais que no abraço amoroso se abandone por inteiro a uma embriaguez do "tudo está permitido", por mais que com mil excessos licenciosos se violem por inteiro as leis do decoro, se profanem todos os tabus, por mais que se eliminem até os últimos vestígios de toda timidez ou contenção, por mais que se sacrifique a casta liturgia da conduta habitual a um impudor ilimitado, a um selvagerismo sem travas..., de nada vale tudo isso, pois o descoberto não perde seu mistério no descobrimento, o oculto não se revela, a noite não se dispersa!"

E Lévinas designa com o desprestigiado nome de pudor esta derrota do dia, esta reticência impalpável da outra pessoa, em meio à nudez mais obscena! O (embeleso) amoroso é algo mais que o triunfo da convulsão sobre as conveniências, triunfo a que o reduzem os discursos de libertação".*

"Esperava conquistar e possuir e viver a posse sempre impossível do outro ser! Credo, por fim, que ser dois era constituir um todo. Mas o ser amado continua permanecendo obstinadamente exterior a mim. A relação que me une a ele não anula a separação, senão a confirma!**

Através do amor conhece-se a completude

"Eu te sonhei um dia
nos meus devaneios de menina
e fui te encontrar, sem nem te escolher,
na minha realidade de mulher.
E nesse instante a minha vida,
nesse abandono a essa emoção sentida,
a realidade vivida como que virou um sonho!

* PROUST, "Du côté de chez Swam" in "La sabiduría del Amor" pg 62

** LÉVINAS, "Totalité et infini" in opus cit, pg 63

Sabe como é
aquela ânsia de se estar completa
e quase nunca sê-lo,
levando à saudade e ao medo de perdê-lo,
ainda que não tenhas tão realmente me
pertencido, somente se dado tão totalmente,
me amado, me possuído... profundamente?

Aquele palpitar ligeiro,
vislumbre do tempo eterno,
ao mesmo instante turbilhão
o cálido aconchego...
Aquela descoberta de que amar,
se não é tudo, já é o suficiente”.

No amor conhece-se a dor da perda

“Cada vez que aqui eu chego e deito
encontro a tua risada
cristalina e maliciosa
de alegria e dúvida misturada...

Vejo o teu jeito desengonçado e charmoso,
ouço-te dizer: “sou feio, mas sou gostoso”!
Sinto teu gesto de carinho teimoso
impresso nos meus sentidos
que só para ti se abriram,
te conferiram e plenamente te aceitaram...

Como o vazio me persegue
por detrás dessas minhas alucinações!
Como a tristeza permanece
no fundo dos meus sorrisos...
Só você tinha a posse do brilho dos meus olhos...
Me devolva a vida, por favor!
Desde que você se foi, me sinto ir junta,
louca de saudades que me faz morrer de amor!”

O amor traz a esperança de uma nova busca pela vida

“Eu penso e me animo
e vibro com todas as coisas “impensáveis”,
mas “acontecíveis”.
Quanta vida encoberta pelas vergonhas,
culpas e remorsos!
Tudo que é primitivo e primordial
desfilando travestido de elegância,
como se as formas e os disfarces
pudessem aniquilar os conteúdos.
Quanto pecado regrado,
fazendo pessoas emudecerem palavras de amor
e gemerem dores de contenção!

Penso e me divirto com esse caleidoscópio da vida
que, quando descontrolado, é encantador
e enraivece a vontade de predição:
nunca se repete.
Embora o mesmo, sempre diferente, sempre!

A quietude realça o movimento,
a vontade cansada fica quieta,
a vontade inquieta é cheia de vida,
cores, sentimentos.
Uma vez solta a emoção, é o destino!
É outra a razão.”

Para onde nos leva, não sei. E para que saber, se é
isso que nos paralisa e nos excita, que nos faz vi-
brar, temer, arriscar, viver!
É o que me espicaça a curiosidade que parte ávida
pelo gozo, e esborrachando na dor e na alegria de
seja lá qual caminho for...
O que importa não é o caminho, é o caminhante.

“Fico na minha, se quieta, se voraz.
Sou sempre eu, com vontades descaradas, *-
deselegantes, desarrumadas
que se arriscam em cada novo querer.
Tudo embalado com recato,
mas pronto para surpreender!”

A LUTA DAS CONSCIÊNCIAS

Em 1947, Lévinas publicou “Da existência ao exis-
tente”, onde junto com a angústia de Heidegger,
nos provoca com a dialética do amo e do escravo,
a guerra das consciências. Ele diz:

“Com um só olhar de um passante por mim
(eu sabendo-me olhado), isso já basta para fa-
zer-me mudar de mundo. Antes eu era liberdade
pura, consciência liberada de toda imagem, trans-
parência sem memória e sem conseqüências, ao
saber-me visto, olhado, pronto! Já me converti em
alguém... o meu ser agora é exterior, está enreda-
do em outro ser”.

Citando novamente Sartre, prossegue: “A
aparição de um outro ser em meu ambiente suscita
um duplo mal-estar: seu olhar me reduz ao estado
de objeto e esse objeto se me escapa, posto que é
para outro: esse outro me capta e me aprisiona.
Porém, é também quem me devolve a mim mes-
mo”. O outro é, para mim, ao mesmo tempo, quem
me roubou meu ser e quem faz que haja um ser
que é o meu ser.

“Na base da consciência de si mesmo está, não a reflexão, mas a relação que se tem com o outro. A realidade humana é social, antes de ser razoável; é social e belicosa”. É a guerra das consciências. O “eu” só existe em relação a um outro “eu”! Nele o ser se busca, se acha e se perde, padece da dor da saudade e do alívio da recordação...

Na guerra de consciências, no entanto, não há perdedor. Quanto mais consciência se conquista, mais se quer conquistar, tanto mais fraquezas se conhecem e ainda mais forte fica o exausto vencedor.

O amor é o encontro de si no outro

“Foi no teu estar-longe
e no remexer de tuas lembranças
que senti a tristeza de estar só.
Um só, só meu.

A procura de tua presença física
deixou-me atordoado e melancólico.
Tanto tempo sem escrever,
Que as primeiras linhas saem
com muita dificuldade.

E pouco a pouco deixo-me levar
pela tua presença
e transporto-me todo a ti na tua essência.
Procuro um sinal no céu claro e ensolarado
e encontro o brilho de teus olhos
numa viagem de todo o meu “eu”.

E lá vou a te seguir, a te pedir, a te querer
e, o que é mais gostoso, a te ter...
longe e mais perto.
Quem diria que o simples fato de saber-te
não aqui faria com que eu me transportasse
a ti tão aí.

E sem pedir licença vou entrando
e, correndo, me aconchegando ao teu corpo
tão cheio de mim.
Não falo, apenas beijo e beijo.
Vibro e sinto que a minha vibração te tranquiliza,
como se fosse necessário eu me completar,
para que você fosse toda você.

Amo e todo possuído de amor,
penetro no teu mundo
pelo caminho maravilhoso que conheço.
E danço. Danço até o esgotamento
para que depois possa sorrir,

encontrando em você o meu “eu”
que se encontrava tão só.

Volto, e volto agora mais tranqüilo,
porque a solidão de não estar contigo
foi amainada nesta curta e tão duradoura viagem.
Agora estou contigo e serenamente enfrento
o longo dia que está por vir, sem você,
mas com você em mim”.

O amor anseia pelo toque, pela sua corporeidade

“A carícia não é um simples roçar, mas uma modelagem. Ao acariciar uma outra pessoa, faço renascer sua carne sob meus dedos. Por terna ou ardorosa que seja, a carícia está animada pelo desejo de tornar o outro inofensivo, desarmá-lo, de transformá-lo em objeto e cercá-lo dentro dos limites de seu puro estar presente, para que não me escape.

A carícia faz nascer a corporeidade, o limite, o palpável. Arranca o ser da existência autônoma dele e traz esse ser para mim, subjugado e dócil, mas nunca garantidamente meu. A carícia reflete mais uma vez a luta das consciências. O soldado em licença continua sendo um combatente; o repouso do guerreiro é também uma artimanha de guerra. No entanto, na relação social se dá o “milagre” da saída de si mesmo e só secundariamente oscila entre os dois polos da harmonia e da guerra! A relação social é libertadora. Ao mesmo tempo que me tira de mim, me devolve a mim como ser existente e não como caótica existência. Antes de ser força alienante que ameaça, que ataca e fere o eu, a outra pessoa é a força eminente que rompe as cadeias que atam o “eu” a si mesmo, que o liberam do fastio, que o liberam do peso de sua própria existência. É por isso que o amor não é louco, mas um estado diferente de consciência”. (A. Finkelkraut). O toque físico “arranca e pessoa de estados psicóticos! Dá-lhe um rosto”, garante-lhe existência no mundo dos seres animados...

“Rosto, onde os movimentos da alma se inscrevem e se expõem à paciência do que tem que ser decifrado”! Rosto, aquilo que de único, essencial no outro sempre irá me escapar”, conforme Lévinas: “Encontrar um homem (mulher) é manter-se alerta por obra de um enigma”!

Contemplo um rosto, faço-lhe uma carícia, mas não o absorvo! Entro em contato com a maravilhosa impotência sem a qual a vida, por mais ex-

travagante que fosse, teria a monotonia de uma viagem de si próprio para si mesmo!

O rosto do outro, mesmo do amado que me corresponda em seu amor por mim, tem a fascinante particularidade de oferecer-se a mim e de subtrair-se ao saber. É e será sempre um mistério. Por isso, talvez, no meu amor eu o busco tanto. Perscruto o seu rosto, cada expressão sua é sempre nova e marcante. Quanto mais tento possuir e paralizar esse rosto, mais ele escapa de mim e, no meu amor, conheço a sua "alteridade", aquilo que é somente dele e que, por mais que ele queira, não poderá me entregar. Talvez lhe pertença enquanto existência, o defina enquanto existente, porém escapará de mim como dele também...

Olhares ansiosos, toques e carícias são apenas uma desesperada busca, uma ilusão de possuir aquilo que sempre escapa. O rosto não tem beleza plástica. É ético. O encontro inicial é ético, o aspecto estético vem depois. O encontro é feito de respeito. A presença física não basta. Quando uma outra pessoa se revela a mim pelo seu rosto (sua alteridade), ela exige que eu esteja para ela e não somente com ela. É este rosto desnudo que faz com que eu me desinteresse de mim mesma, me intimando ao amor. Não se pode ficar indiferente ao rosto do outro. Isto se chama "consciência de alteridade". Posso virar-lhe as costas, desobedecer-lhe ou fugir às suas comunicações pelo medo daquilo que nunca irá acontecer: ser possuído ou possuir. Quando eu amo, contemplo e perscruto a vida no rosto do outro e ele no meu. Nos damos, não nos possuímos como objetos.

O ROSTO COM RUGAS

"O rosto fenomenológico não é uma paisagem".

Esse rosto-âmago, alteridade, me conta através das suas rugas que tem uma vida própria, sem mim... Cada marca em seu rosto atesta que eu não o domino, por mais que eu o ame. É "um rastro de si mesmo, presença que em todo momento é uma retirada ao vazio da morte, com uma eventualidade de não-retorno".

Nunca o próximo estará por inteiro naquilo que eu vejo dele: suas rugas o separam de mim, de minha vida...

Um dos maiores desejos dos amantes é o de

envelhecerem juntos, verem, mutuamente, as suas rugas acontecerem e continuarem a se buscar. Para o amado as rugas não aparecem...

A velhice de um rosto não o desfigura, mas o define. Suas rugas podem fazer ruir a beleza estética. O que não importa, porque, por mais guerreiros que sejamos, o sentido original de ser para com os outros não é a luta, mas a ética. O encontro com o outro provoca responsabilidade e não conflito.

E este "outro" pode ser o "eu-mesmo" tomado como objeto da minha reflexão. Num diálogo de amor-próprio conversam o "eu" e o "mim" na poesia, como o retrata muito bem Flora Figueiredo em seu poema "Espelho":

Se você ainda tiver um sorriso quadrado,
me empreste, que preciso lhe ver iluminado:
Se guardar algum brilho no olhar,
me devolva, que eu quero muito relembrar.
Se conservar algum reflexo de alegria antiga,
me diga, que é para eu embalar uma lembrança.
E se tiver algum resquício de criança,
me entregue, para que eu possa
manter-lhe a estrutura,
antes que a imagem dissolva e desintegre
e que escorregue inerte da moldura.

Quem vê o outro, também vê a si, nada vê, a menos que clame pela vida.

O amor maduro aceita a transcendência e o limite do "eu". O imaturo se apavora e fica preso no egocentrismo, não importando a idade que se tem. Existente é o ser que cria, modela a vida através de Eros, numa contínua busca de identidade, dos mistérios da vida...

Amor como dependência: amor medroso, inexperiente... um amor do qual se foge.

"Recebi de você um presente: a sua pessoa!
Não sei por que, nem se o mereço...
Mas o meu coração sente,
ainda que em pensamento eu me esqueça
que recebê-lo é uma experiência tão boa!
Nem sei se o tenho,
ou se em troca sou eu quem me dou;
me parece que você consegue
o que eu mesma não mantenho:
a crença de ter valor, ser a pessoa que sou.

Me espanta que você me ame,
não fiz nada para isso!
Tenho medo do compromisso
e talvez, por isso, do amor eu tanto reclame!...
Não sei, sequer, se eu sei me dar,
não sei também como é que te recebo.
Sei que do teu amor eu embebedo
e que essa é uma forma de amar!
Sinto de você uma necessidade constante,
me sentindo junto, mesmo se distante.
Me assusta essa dependência
e talvez, por isso, tento te impor minha ausência!"

Esta é uma linguagem poética, antiga até. Há formas modernas de tratar desse mesmo amor, do qual se foge ou que se busca. Uma dessas formas é a que se encontra em cartões impressos.

Um deles, em cujo rosto vêem-se porcas e parafusos e se lê: "este cartão lhe provocará um imenso prazer se... (ao abri-lo, lê-se: para ser marcado como um teste de múltipla escolha):

- a) você tiver tendências para a mecânica
- b) você tiver um parafuso a mais ou a menos
- c) você estiver prestes a entrar em parafuso
- d) você for desajustado e necessitar de um aperto.

Outro cartão fala do amor-vida e diz o seguinte: "só duas pessoas podem acabar com esta dor que trago em meu peito: (abre-se o cartão) "Você... e o cardiologista!"

Ainda em outro cartão dois pingüins conversam:

- (Um, de bolinha) Você se acha algo muito especial, não?
- Que coincidência... eu também acho!

Auto-carícias, aspecto controverso do amor

No início deste século, se propagou que a masturbação levava à loucura. Agora, ouvimos exatamente o contrário.

A ilusão de posse traz alívio temporário ao medo da perda. Se muito, a pessoa pode se possuir através das próprias carícias, quando não há quem a acaricie para criá-la.

"Nessa tua morenice mansa e morna
eu me perco,
me desacerto

e me desmereço.
Quase que aconteço,
se teu cheiro de pelo anda por perto.
No convite do sorriso
eu me confundo,
me impreciso
e me diluo.
Mas, para não romper as normas do juízo,
eu me afago
me aliso
e me possuo."*

Pela masturbação obtemos alívio e/ou prazer. Porém, que não se confunda prazer de existir, sentir, viver, com prazer sexual. Ou seja, se a existência é um peso, uma prisão, uma carga, é provavelmente Eros quem a torna mais leve, mais ágil, o que não quer dizer tão somente prazer, muito pelo contrário!

Relacionar, simploriamente, amor com dor ou com prazer, ao invés de buscar o encontro, promover a luta (forma estereotipada de encontro), subtrair-se à violência de estar com e para o outro, enclausurar-se na "dolorosa ilusão de que não amar é melhor, porque quem ama se arrisca a perder e a sofrer", é oferecer-se sem preocupação à dor existencial!

Quem se furta ao amor, negando-se à responsabilidade para com toda e qualquer forma de vida, dedicando-se ao vazio fanático, por medo ou vergonha de pensar, de sentir e de fazer; quem assim se conduz recebe a mais irônica das punições: fica isento de sofrer e padecer a espantosa e ridícula desgraça de haver vivido ao abrigo de todos os estragos, de não haver sofrido nunca por ninguém...

Amar é estar obcecado por um rosto sem conseguir descrevê-lo ou sequer memorá-lo. E talvez, por isso, as pessoas que estão amando não conseguem "sonhar" com o rosto da pessoa amada, mas quando têm medo de perder essa pessoa, ela lhe chega continuamente nos sonhos.

Amar é desejar "dormir" com a pessoa amada, pois que, dormindo, a pessoa está à mercê da outra que pode tentar possuí-la pelo mais ávido dos olhares ou pela mais prolongada das carícias sensuais, um beijo roçado...

* *Masturbação* - Flora Figueiredo em "Florescência" - Ed. Nova Fronteira

Ver a pessoa amada dormindo é desconcertante, é sabê-la retirada para um mundo só seu e, portanto, extrema e radicalmente ausente de mim. É exatamente isso que mais atrai. Talvez o que excita o amor seja não a descoberta, mas a busca constante. Eros é ávido, caçador, carente e astuto, organizador desejoso de saber, insaciável no sentimento e na razão, coerente e contraditório.

O amor é contemplação

“E então ele lhe disse:
você estava aí dormindo,
com tal leveza estampada no semblante,
embalada em sono tão profundo naquele instante,
que tive vontade de mais te amar.
Várias vezes eu tentei te acordar,
meio enciumado da tua calma,
mas você nem se mexeu,
possuindo a minha alma,
no seu silêncio sorrindo.
Daí, cheguei mais perto e fiquei parado,
olhando, pensando, sentindo...
que de qualquer sonho mais lindo,
você ainda é vencedora,
mesmo assim, quando você está parada,
dormindo, respirando,
sem fazer nada, me enfeitando!”

Erótico é todo e qualquer brado em prol da vida. Pode ser sexo, pode ser amizade, trazer prazer ou indignação. Pode ser doce ou amargo, trazer alento ou inquietação. Amor por si, pelo outro, pela humanidade.

Eros pode ser a dor aguda que se sente frente às injustiças.

Vinícius de Moraes canta este amor, com a poesia: “O poeta e a rosa”:

Ao ver uma rosa branca,
o poeta disse: que linda!
Cantarei sua beleza
como ninguém nunca ainda!

Qual não é sua surpresa
ao ver, à sua oração,
a rosa branca ir ficando
rubra de indignação.

É que a rosa, além de branca,

(diga-se isso a bem da rosa...)
era da espécie mais franca
e da seiva mais raivosa.

Que foi? – balbucia o poeta.
E a rosa: – calhorda que és!
Pára de olhar para cima!
Mira o que tens a teus pés!

E o poeta vê uma criança
suja, esquálida, andrajosa,
comendo um torrão de terra
que dera existência à rosa.

– São milhões! – a rosa berra;
milhões a morrer de fome!
E tu, na tua vaidade,
querendo usar do meu nome!

E num acesso de ira
arranca as pétalas, lança-as
fora, como a dar comida
a todas essas crianças.

O poeta abaixa a cabeça.
É aqui que a rosa respira...
Geme o vento. Morre a rosa.
E um passarinho que ouvira
quietinho toda a disputa
tira do galho uma reta
e ainda faz um cocôzinho
na cabeça do poeta!

E a palavra consoladora de um amigo...

“Eu andava num mundo vazio
(e por isso triste e perigoso);
então, encontrei-o à minha procura
(a quem tinha até medo de fitar o rosto).
E de tal tarde fez-me uma homenagem,
(enxugando-me lágrimas de desgosto,
incutindo-me coragem).
Disse-me palavras que soaram como melodias
e, sempre amigo, prometeu-me o cuidado
que eu mesma não tomava
(ou talvez nem soubesse que existia).
E não as palavras, mas os seus gestos
tirando-me do escuro;
olhares que jamais esquecerei,
(porque antes, quanto não os sonhei?)

Gestos e olhares estavam impregnados
de força tão humana, de tanto amor,
tão ingênuo e puro,

que tudo o mais se encantou de cores!
Mostrou-me suas mãos, palmas vazias,
estendidas, abertas, se oferecendo a mim;
beijou-me as pálpebras, suavemente,
e disse firme: confia! Me abraçe de volta,
relaxe... assim... isso, amiga!
Minhas mãos, meu coração...
é tudo que eu tenho para lhe oferecer
Aceite! Dê-me esse prazer!
(E o mundo vazio, triste e perigoso
ficou perdido para sempre no passado).
Meu amigo, obrigada por estares ao meu lado!"

Há amores que sobrevivem ao tempo

Grandes amizades podem transformar-se em amor e vice-versa. E o amor pode sobreviver por longo tempo no silêncio, até que ganhe expressão.

A este respeito, Gabriel Garcia Marques se pronuncia em seu romance: "Amor nos Tempos de Cólera".

A estória de amor de Fermina Daza e Florentino Ariza se concretiza após mais de 50 anos de expectativas, a bordo de um navio da frota de Florentino.

Viúva do Dr. Juvenal Urbino, com quem viveu longos anos de um casamento tranqüilo e bem sucedido, Fermina redescobre no seu coração de velha a sua antiga paixão pelo desengonçado adolescente Florentino que sempre a desejara e por ela esperara de corpo e alma. Mulher tradicional, teme os falatórios que o seu atual romance poderá despertar e não consegue se furtar a esse amor. Vive um impasse.

Fiel a eles, o comandante – que também trouxe a bordo uma mulher, sua amada – desliza com o barco rio abaixo e rio acima, com a bandeira vermelha hasteada, como que a sinalizar que havia passageiros com cólera, a bordo do navio. Com isso, pretendia proteger a privacidade e a intimidade dos amores que rolavam à solta no navio, não permitindo que qualquer pessoa se aproximasse, por medo do cólera.

Já cansado daquela viagem sem fim e já tendo se despedido de sua amada, desembarcando-a, o comandante, irritado, pergunta a Florentino Ariza: "até quando ficaremos neste ir e vir...?"

Além do amor entre homens e mulheres, há o

amor pelas plantas, pelos animais, pela vida e a perplexidade de saber que os próprios frutos de nossos amores também se vão...

Nery Nice B. Reiner expressa muito bem esta realidade no poema: "As crianças, onde estão?"

"Amado, as crianças, onde estão?
ainda agora brincavam ao meu lado;
nossa filha-boneca conversava com bonecas,
morango na boca,
anéis nos cabelos.
Nosso filho, que lindo!
montava seu cavalinho,
sóis e mais sóis brilhavam em seu rosto.

Amado, as crianças, onde estão?
Nossa filha brinca com véu e grinalda.
Sua boca é um leve sorriso.
Seus cabelos de mulher.
Quem é aquele moço com olhos de amor?

Amado, as crianças, onde estão?
Nosso filho parece que cresceu!
Está pronto!
Roupa nova!
Quer brincar com avião.
Voar é seu pensamento.
Sonha nesse momento,
como pássaro,
mergulhar na imensidão.
Amado, as crianças, onde estão?"

Mesmo indo embora, os filhos se percebem como a continuidade de seus pais. É mais um elo na corrente da vida, como diz Paulo Bonfim na poesia: "À Minha Mãe":

"Em meu caminho,
tua sombra;
em minha sombra,
tua luz;
em minha luz,
teu destino;
em meu destino,
tua vida;
em minha vida,
teu princípio;
em meu princípio,
tua eternidade."

E para finalizar, já que todos somos filhos, crescidos, perpetuando a vida (Eros), deixo-lhes

uma mensagem em forma de carta, um conselho da mesma poetisa, para todos nós:

“Sabe, filho,
que a vida é como um rio,
cujas águas correm tão rápido
que tenho medo que não haja tempo
de te dizer o que quero.
Neste turbilhão em que vamos,
nos esforçamos para não cairmos do barco.
Eu, no meu,
tu, no teu.
Sabe, filho,
no caminho, nas margens do rio
encontramos árvores com frutos...
doces alguns,
amargos outros.
Temos que olhar bem
para discerní-los.
Quando vires os frutos doces,
apanha-os o mais rápido possível.

São poucos.
Talvez não os encontres por bom tempo.
E rápido, filho,
porque as águas correm tanto
que, se hesitares, os frutos doces
não estarão mais ao teu alcance.
Os amargos, filho,
deixa-os.
Mas, se por ventura,
tendo os olhos cheios de névoas,
apanhares algum,
sabe, filho,
que às vezes nos enganamos...
e nas próximas vezes que os encontrares,
os reconhecerás e os deixarás passar.
E, se na correnteza louca
em que estamos, nos perdermos,
quero, ainda, te dizer, enquanto é tempo:
sê feliz, filho!
sê feliz!”

UMA VISÃO HISTÓRICA DE FAMÍLIA E VELHICE

A desvalorização do idoso dentro de sua própria família é o reflexo da profunda representação negativa da velhice que a sociedade atual desenvolveu. A raiz desse fenômeno deve ser buscada nos valores que caracterizam nossa cultura.

JOSÉ CARLOS FERRIGNO
Psicólogo/Técnico do SESC

I - INTRODUÇÃO

A compreensão da família nos dias atuais e a própria discussão de seu futuro exigem o importante resgate de seu desenvolvimento histórico. Diferentes áreas do conhecimento como a Antropologia, a História, a Sociologia, a Economia, a Psicologia e a Psicanálise reuniram preciosas contribuições ao estudo da organização familiar e, por extensão, do indivíduo e da sociedade, já que essa tríade encontra-se absolutamente vinculada.

Da mesma forma, o entendimento do fenômeno do envelhecimento e da velhice humana requerem estudos de como se apresentaram em diferentes momentos históricos, para que possamos, sem inúteis exercícios de futurologia, arriscar outras possibilidades de relacionamento entre a família e seus velhos. No entanto, a área dos conhecimentos sobre a velhice – a gerontologia – encontra-se ainda pouco desenvolvida. A escassa literatura a respeito é sintoma da pouca atenção social que o problema suscitou. Nossa sociedade rejeita a velhice. A reflexão que tentaremos a respeito dessa atitude mostra-se produtiva, no sentido de melhor entender os valores predominantes da civilização contemporânea.

Analisaremos primeiramente a família enquanto uma instituição fundamental para a vida das diferentes sociedades passadas e atuais. Posteriormente, verificaremos como os velhos foram considerados em outras épocas e qual sua posição em nossa sociedade industrial. No final, tentaremos algumas relações possíveis entre idosos e grupo familiar. Convém observar, desde já, que nos raros trabalhos sobre velhice, ao longo da história, é discutida sua relação com a

comunidade de modo geral e não sua posição na organização familiar mais especificamente. Os trabalhos sobre família partem, principalmente, de estudos sobre a mulher e sobre a criança. A divisão sexual do trabalho, que envolve a definição de papéis masculino e feminino, e o tipo de cuidado dispensado à prole são aspectos decisivos no que se refere ao modo pelo qual a família se organiza. A psicologia, de um modo geral, e a psicanálise, em particular, ao analisarem exaustivamente a formação da criança, trouxeram preciosos subsídios ao estudo da família, num mundo em que as necessidades infantis estão longe de serem satisfeitas e pedem medidas urgentes. O movimento feminista, por seu lado, ao reivindicar melhores condições de vida para as mulheres, checa tanto as relações de trabalho quanto as relações familiares.

II – ALGUNS ESTUDOS SOBRE FAMÍLIA

O enfoque histórico, a nosso ver, ajuda muito a desmistificar as conceituações sobre família, que se dividem entre uma ideologia laica e cientificista e outra religiosa. Ambas se apoiam no suposto caráter de “imutabilidade” da família. A primeira encarando-a como “natural” e a segunda como “emanação da divindade”. Por isso, para esses “defensores da tradição”, considerações de outras possibilidades de estruturação e funcionamento do grupo familiar, correm o risco de serem vistas como retorno à animalidade ou como heresia. No entanto, as conclusões a que chegaram renomados autores sobre o tema nos mostram como a família mudou e prosseguirá mudando. Recordemos alguns dos principais estudos.

Foi com Morgan, na segunda metade do século passado, que se abriu um novo e promissor período de estudos científicos sobre a família. Suas pesquisas sobre parentesco resultaram em cinco tipos familiares, que, segundo o autor, se sucederam através dos tempos: 1) a família consanguínea caracterizada pelo intercasamento de irmãos e irmãs carnais e colaterais; 2) a família Punaluana, onde os casamentos se davam entre o conjunto de irmãos com as esposas de cada um deles; 3) a família sindiásmica que se fundava sobre o casamento de casais individuais, mas sem necessariamente a coabitação exclusiva. Neste caso, o casamento durava enquanto as partes assim o desejassem; 4) a família patriarcal que se baseava no casamento de um homem com várias mulheres (o termo patriarcal é mais correntemente usa-

do para designar um tipo de agrupamento, como veremos adiante); e 5) a família monogâmica com o casamento de casais individuais, com a obrigação de coabitação exclusiva.

Embora ultrapassada em vários pontos, a contribuição de Morgan guarda o mérito do pioneirismo. Devemos a ele a descoberta de que os clãs foram o embrião do Estado Moderno e de que a descendência patrilinear constitui-se como possibilidade de transmissão segura de bens a herdeiros legítimos. Segundo Morgan, diferentes tipos de família se sucederam na história, sendo a seguinte mais rígida que a anterior, no que se refere às proibições conjugais entre consanguíneos.

Entusiasmado com as teses de Morgan, Engels elaborou seu conhecido trabalho sobre a “Origem da Família, da Propriedade e do Estado”. Seu objetivo foi o de mostrar como as mudanças na organização da família foram conseqüência do desenvolvimento das forças produtivas, isto é, da crescente complexidade das relações de produção. Conseqüentemente, nas sociedades primitivas, os vínculos de parentesco extenso configuram, com freqüência, a essência das obrigações e compromissos dos indivíduos, já que a produção é limitada. Por seu turno, a moderna família patriarcal e monogâmica, ao desenvolver a noção de propriedade privada, opera uma nítida cisão entre o domínio público e domínio privado, criando o “mundo da rua” e o “mundo privado”. O desenvolvimento das relações capitalistas acelera essa dicotomia. Engels distingue cinco formações sócio-econômicas através da história: comunismo primitivo, escravagismo, feudalismo e capitalismo com suas respectivas formações familiares.

Ainda que contestadas pela Antropologia Contemporânea, pelo seu caráter evolucionista e unilinear, as teses de Morgan e Engels são reconhecidas por terem imprimido uma abordagem histórica ao estudo sobre a família.

Apesar de também contestado, Freud trata, com originalidade, do problema das raízes psicanalíticas da dominação patriarcal. Segundo sua visão, os primitivos humanos viviam em bandos, cujo chefe, o pai, monopolizava a mãe para si, através de brutal repressão sobre os filhos, baseada em sua força física. Estes, em dado momento, se rebelam e assassinam o pai, implantando um regime familiar mais liberal. No entanto, como resultado do sentimento de culpa pelo crime cometido, os filhos se encarregam de criar um pai simbó-

lico, de onde teria se originado a religião. Para Freud, a humanidade carrega, até hoje, a culpa pelo assassinato do pai, através de sua memória coletiva e esse drama se repete em cada história individual através do complexo de Édipo. A figura paterna se conserva como fonte simultânea de proteção e de castração psíquicas, gerando no filho sentimentos ambivalentes de amor e ódio.

Malinowsky enriqueceu sobremaneira os dados etnológicos sobre a família, com suas pesquisas sobre os primitivos Trobriandeses. Mostrou como essa comunidade matriarcal, ou matrilinear, como preferem alguns, possui uma surpreendente democracia nas relações de trabalho e grande liberalidade na educação dos filhos e na vida amorosa. A responsabilidade sobre as crianças é da mãe e do tio materno que desempenha as funções de pai. Talvez, por isso, a relação com o genitor se caracterize por laços de grande amizade e afeto. Estudos comparativos como esse, certamente continuarão a incentivar uma fecunda reflexão sobre a relatividade cultural de nossos comportamentos. Unificando a teoria psicanalítica com o materialismo histórico, Wilhem Reich foi o primeiro a estabelecer a relação entre o domínio de classe social e a repressão sexual como forma de reprodução desse domínio. Segundo seu ponto de vista, a repressão sexual das crianças e adolescentes desenvolve egos frágeis e submissos à autoridade paterna e à do Estado. Propõe, por isso, uma política de libertação sexual necessária ao desencadeamento de um processo revolucionário da sociedade. Reich concebia a família como modelo reduzido do Estado, reproduzindo internamente o autoritarismo daquele.

Marcuse, Adorno, Horkheimer, Habermas, entre outros integrantes da Escola de Frankfurt, elaboraram a chamada Teoria Crítica da Sociedade, à luz do materialismo histórico e dialético. O objetivo maior da Escola foi o de compreender a sociedade capitalista em sua atual fase de economia monopolista. Os famosos estudos sobre Autoridade e Família representam um esforço no sentido de captar as novas formas ideológicas concretas, por intermédio das quais a sociedade capitalista passa da fase democrático-liberal para a monopolista-autoritária. Entendo que a relação entre os homens não são determinadas diretamente por puros fatores econômicos, mas sim através das diferentes instituições que compõem o social, há toda uma análise da religião, das artes, do trabalho e da família, é claro. Vendo a família como a instância em que as relações de dominação são

reproduzidas, percebem também que ela poderá vir a ser um bastião de resistência à tirania do Estado.

Possivelmente, a contribuição mais rica dessa Escola, na área de estudos sobre a família, tem sido a de mostrar como, por conta do fenômeno da monopolização da economia e o conseqüente desvanecimento da iniciativa individual, a figura do pai vem progressivamente se enfraquecendo e perdendo terreno para outras agências de socialização das crianças e adolescentes. Daí derivam-se colocações a respeito da "crise da família" ou até mesmo de sua falência.

Levi Strauss com suas célebres pesquisas antropológicas de campo, elaborou as bases da teoria estruturalista. Sua contribuição fundamental foi a de enfatizar que a família e, por extensão, toda a sociedade, através da proibição do incesto, faz a passagem da Natureza para a Cultura. Embora acusado de historicista, suas conclusões constituem-se em argumentos sólidos contra os defensores da família "natural".

Outro autor a merecer menção é Philippe Ariès que, em sua "História Social da Criança e da Família", nos mostra como a família da Idade Média era mais aberta à comunidade, confundindo-se mesmo com ela. Adultos, velhos e crianças ocupavam os mesmos espaços sociais. O fechamento progressivo da família em si mesma e a demarcação mais rígida entre o "mundo infantil" e o adulto, entre o "mundo da casa" e o "mundo da rua" são fenômenos dos últimos séculos.

Desse período, ou seja, do fim da Idade Média até há alguns anos antes da intensa industrialização e da formação dos grandes conglomerados urbanos, prevaleceu a chamada família patriarcal ou família extensa. De caráter predominantemente rural, esse tipo de família compunha-se de 3 ou 4 gerações, sendo caracterizada por uma rígida hierarquia de poder, segundo o sexo e a idade. Assim, o homem mais velho do grupo é quem detinha o comando da família. Rígidas leis familiares eram necessárias à segura transmissão dos bens. A castidade das mulheres até ao casamento assegurava o nascimento de herdeiros legítimos. Ao primogênito, muitas vezes, cabia a posse do patrimônio, porque sobre ele não pairavam dúvidas de legitimidade consangüínea. Os matrimônios eram impostos por interesses econômicos entre as famílias. Claro está, como bem observa Mariza Corrêa, em "Colcha de Retalhos - Estudos sobre a

Família no Brasil", que a família patriarcal das sociedades pré-industrializadas se compunha das classes sociais mais abastadas, mesmo porque sua existência pressupunha um patrimônio. Por essa razão, procedem as críticas feitas às generalizações desse tipo de organização familiar. Os escravos e os trabalhadores livres não agregados deviam organizar-se em estruturas familiares diferentes da patriarcal. Essa última configurava-se muito mais como um tipo ideal do que algo generalizado no tecido social.

O desenvolvimento da sociedade de consumo e do trabalho assalariado concretizado na formação de gigantescos centros urbanos e mediado pelos novos valores da civilização industrial, propiciou o surgimento da família nuclear ou família conjugal moderna, constituída pelo casal e poucos filhos, encontrada com mais frequência nas classes média e alta. Diferentemente da família patriarcal, sua constituição se justifica pela necessidade de afeto e de satisfação sexual. Por outro aspecto, ela serve muito mais às exigências das novas relações de produção. Nas palavras de Danda Prado "a família nuclear, isolada entre as quatro paredes de um apartamento urbano, é um esquema funcional que atende aos interesses da sociedade industrial. Sua facilidade de locomoção, acompanhando o deslocamento das empresas, sua alienação da problemática social, sua motivação exclusivamente dirigida pelos meios de comunicação para o consumo constitui uma estrutura ideal para ser manipulada em todos os níveis, do operário manual ao diretor da empresa, nos interesses de um poder central".

O mesmo que dissemos em relação à antiga família patriarcal, isto é, de que não se caracterizava como única formação familiar de sua época, pode ser dito com referência à família conjugal. O expressivo número de casais que se separam ou o contingente considerável de pessoas que se casam tardiamente ou não se casam, que moram com outros familiares, com amigos ou sozinhas, configuram diferentes organizações de família. Apesar disso, a família nuclear, nos moldes descritos, permanece como um ideal para amplas parcelas da população incentivada pelos valores que regem o sistema. Por outro lado, o inconformismo dos jovens, fenômeno não circunscrito à nossa época, mas que em nossos dias ganha força jamais vista, tem levado a experiências de "famílias alternativas" de caráter mais comunitário e auto-suficientes. Igualmente, a ação de movimentos feministas tem contribuído para que sejam repensadas as re-

lações marido e mulher, e, por conseguinte, a própria estrutura da família.

Quisemos, até aqui, destacar alguns dos mais significativos estudos sobre a família, com a finalidade de ressaltar as determinações históricas na configuração desse agrupamento social.

Cabe, a essa altura, perguntar qual o destino ou o futuro da família. Como se pode depreender dos estudos a respeito, a estrutura familiar varia conforme as necessidades do sistema social mais amplo. Ao que parece, a família, enquanto instituição e, portanto, enquanto transmissora da ideologia dominante, foi mais imprescindível no passado do que é hoje. O desenvolvimento de outros aparelhos ideológicos como a escola e os meios de comunicação de massa minimizou a importância da família enquanto agência socializadora. Na mesma direção constata-se que o conflito de gerações e a luta feminista por uma família mais democrática colaboram para o enfraquecimento da instituição familiar, tal qual se apresenta hoje. No entanto, como aponta Tania Salem, a família mostra-se ainda poderosa como reprodutora dos valores predominantes, em termos principalmente do cumprimento de expectativas de vida para os filhos.

Retornaremos a pensar na família, quando tentarmos relacioná-la à problemática social da velhice.

III - A VELHICE NO PASSADO

Pelas mesmas razões que é incorreto falar de uma família "natural" também o é considerar-se a velhice tão somente um fenômeno biológico, portanto, de características universais. Embora os determinantes genéticos estejam sempre presentes, cada sociedade estabelece um estatuto para os velhos, que, obviamente reflete seu conjunto de crenças e valores.

Em seu notável ensaio sobre velhice, Simone de Beauvoir realiza um levantamento dos dados etnológicos e históricos disponíveis sobre as condições de vida dos idosos. A partir de inúmeros exemplos de comunidades primitivas e de sociedades "civilizadas" do passado, procede a uma análise que extrai uma série de variáveis importantes, que procuraremos destacar sucintamente. Não reproduziremos seus exemplos, já que ultrapassariam os limites deste trabalho.

Uma primeira variável diz respeito à riqueza material da comunidade. Observa-se que em tribos paupérrimas, com dificuldades de obtenção de alimentos, em geral não existem tradições e a religião se reduz a um animismo rudimentar. Nestas condições, de pouco vale a memória e a experiência do velho. Só o presente interessa. Quando o idoso já não possui forças para o trabalho, torna-se um fardo e uma boca inútil. Por isso, frequentemente é eliminado ou abandonado à sua própria sorte.

No entanto, em outras comunidades igualmente carentes de comida e, em conseqüência, em permanente luta pela sobrevivência, os velhos são bem tratados e respeitados. Nesses casos, ao que parece, a relação afetuosa dos pais para com os filhos explica a tolerância que esses terão, no futuro, para com seus próprios pais.

Em sociedades mais ricas, caracterizadas por um certo recuo na faina de produção ou coleta de alimentos, percebe-se a existência de uma cultura mais desenvolvida. A presença aí dos idosos com seus conhecimentos é vista como de utilidade social, de modo que sua condição de vida é mais favorável.

Sofrem também os anciãos com os freqüentes deslocamentos de tribos coletoras, isto é, voltadas para a caça e a pesca, nômades ou seminômades. Fracos para suportar longas caminhadas, são deixados pelo caminho. Iguamente difícil é a situação desse grupo etário em tribos constantemente em guerra com seus vizinhos. Indefesos, perecem com mais facilidade.

Foram e continuam sendo bastante diversificadas as condições de vida da Terceira Idade nas sociedades ditas primitivas, assim como nas sociedades históricas, como veremos em seguida. O mérito de Simone de Beauvoir foi, a partir desse levantamento antropológico, refutar a idéia romântica de que num passado impreciso os velhos eram respeitados por sua sabedoria. Isso foi verdade em apenas algumas sociedades. Em muitas delas desfrutou de prestígio e conforto, enquanto que em outras levou uma vida miserável. Contudo, fica claro que seu destino sempre foi decidido pela coletividade, conforme os interesses desta.

As referências sobre a velhice nas diversas sociedades históricas são escassas e fragmentadas, conseqüência do pouco interesse que o as-

sunto despertou. Os elementos que podem ser colhidos nas mitologias e nas obras literárias, apresentam uma visão de velhice a partir da ótica da classe dominante. É sobre a vida dos velhos privilegiados que se fala. Mesmo porque até o século XIX, os velhos pobres eram pouco numerosos, já que a longevidade é conseqüência de uma vida satisfeita em suas necessidades básicas. Concedendo aos trabalhadores dos campos e das cidades o mínimo necessário para sobreviverem e reproduzirem-se, as classes dominantes abandonavam-nos por completo, esgotada sua força de trabalho. Lamentavelmente, exploração desse nível ainda existe em várias regiões do mundo.

Finalmente, convém observar que é nas sociedades mais preservadoras de suas tradições e com uma noção de tempo circular (e não linear ascendente como em sociedades que são regidas pela noção de progresso), e também, nos períodos de maior estabilidade política, é que se registra com mais freqüência a presença de idosos no governo. Contudo, tanto nas sociedades históricas, como entre vários povos primitivos, verifica-se a conspiração dos jovens, na perspectiva de tomada de poder. Uma análise mais crítica, porém, desse antagonismo nos revela que a raiz do problema se encontra além do tão propalado conflito de gerações. Está no conflito de interesses das classes sociais. Nesse terreno é que devem ser pensadas as contradições entre o velho e o novo, entre o jovem e o idoso.

IV – A VELHICE E A FAMÍLIA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL

Conforme dissemos, as sociedades pré-industriais se caracterizavam, entre outras coisas, pelas chamadas famílias extensas, nas quais era comum o convívio de 3 e até 4 gerações. O membro mais idoso da família, o patriarca, exercia funções de comando da família, que se constituía em verdadeiras unidades de produção econômica. Nesse contexto, os idosos desfrutavam de prestígio e status elevados, à custa do exercício autoritário do poder.

O desenvolvimento das forças produtivas foi se materializando no intenso processo de industrialização. As famílias assumiram feições urbanas e foram se tornando nucleares, como já vimos. Por isso, é grande o contingente de idosos que vivem sozinhos ou em asilos. Os que ainda convivem com os familiares, raramente participam, de modo

efetivo, da vida familiar.

A desvalorização do idoso dentro de sua própria família é o reflexo da profunda representação negativa da velhice que a sociedade atual desenvolveu. A raiz desse fenômeno deve ser buscada nos valores que caracterizam nossa cultura. Vejamos, por exemplo, a própria noção de tempo que temos, como algo sempre voltado para o futuro e sinônimo de progresso. O passado não importa. Nossa herança cultural e nossa história são vistas como sem importância. Entende-se a experiência dos velhos como inútil, algo ultrapassado. Economicamente, o jovem é um investimento mais viável. A Terceira Idade não produz (o que o sistema considera importante) e não consome (os rendimentos previdenciários são geralmente muito baixos).

O adjetivo "velho" desperta em nós a sensação de algo fora de época, obsoleto, inútil. As pessoas idosas são também vistas assim e são principalmente os sinais de seus corpos que determinam tais representações. Inexoravelmente, o passar dos anos vai impondo modificações no aspecto físico dos que envelhecem. A pele enrugada, os cabelos brancos, os movimentos lentos e hesitantes, a diminuição da força física e da resistência a doenças, conferem ao velho uma aparência típica. A partir daí, infere-se uma incapacidade física e mental generalizadas para toda e qualquer atividade. Como conseqüência dessa discriminação, o isolamento social é uma característica evidente do idoso, cujo fim aterrador é a internação em asilos.

Claro que para que essa marginalização se efetive, têm os velhos que se comportarem de modo a afirmar a imagem negativa que a sociedade tem deles. É através da incorporação dos valores e modelos do sistema, que esses comportamentos são engendrados. De resto, é a produção de uma "subjetividade capitalística", utilizando o termo empregado por Guattari, calcada na padronização e repetição de enunciados, que realimenta a ordem social.

O considerável crescimento populacional da Terceira Idade em diversas regiões do planeta, como conseqüência dos progressos alcançados na área da medicina e na área de saneamentos básicos, entre outras, tem chamado a atenção de autoridades e da própria opinião pública. Lamentavelmente, porém, o prolongamento da vida humana não se tem feito acompanhar por uma melhoria efetiva das condições de existência dos velhos.

Muito ao contrário, a velhice, no contexto da sociedade capitalista, se configura como um momento muito difícil de ser vivido. Os estudos que começaram a surgir sobre a velhice ou se preocupam com a explosão demográfica de aposentados, seus efeitos sobre a Previdência Social e a economia das ações, ou são, com algumas exceções, amontoados de generalidades que não conseguem esconder um enfoque paternalista do problema. A gerontologia carece ainda de questionamentos mais críticos a respeito do fenômeno do envelhecimento humano e de suas relações com a organização social em que está inserida.

Os velhos se constituem em uma das minorias discriminadas pelo sistema. Como qualquer outro grupo minoritário, possuem reivindicações próprias, além daquelas que, em determinado momento histórico, pertencem a uma grande parcela da sociedade. Obviamente, para que conquistem espaços, deve organizar-se em grupos de pressão, contando principalmente com suas próprias forças mas, sem desprezar, é claro, a presença de aliados sinceros, sejam políticos, especialistas, etc.

Na realidade, porém, os idosos se encontram bastante dispersos e isolados. Numa cidade como a de São Paulo, com aproximadamente 9 milhões de pessoas, temos cerca de 500 mil com mais de 60 anos. Destes, cerca de 30 mil encontram-se agrupados em instituições fechadas, como asilos (10.000), em instituições abertas tipo L.B.A., SESC, MOPI (20.000), e apenas algumas centenas de associações de aposentados. Se considerarmos que a maioria das instituições se pauta por um trabalho paternalista, temos uma idéia de como é extremamente rara a existência de grupos organizados da Terceira Idade. Ainda estamos distantes da formação de um movimento dos idosos com o mesmo poder de pressão que têm mulheres ou negros que, diga-se de passagem, precisam crescer muito ainda.

Entre os velhos, a emergência de grupos reivindicativos é perfeitamente possível, principalmente em instituições abertas do tipo clubes de convivência, já que a realidade dos asilos de idosos é bastante desfavorável. Dentre as entidades sociais que nucleiam grupos de pessoas da Terceira Idade, o SESC de São Paulo se coloca entre as mais progressistas. Tanto é assim que uma política não-paternalista, mas sim de incentivar a autonomia dos grupos, propiciou a ocorrência de inúmeras experiências significativas para seus partici-

pantes. Através de diversas atividades culturais e artísticas, os idosos do SESC, ao longo de vários anos, têm evidenciado todo o potencial criativo e inovador daqueles que são tidos como irremediavelmente conservadores e ultrapassados em seus hábitos e idéias. Nos diversos congressos e encontros realizados expressaram o desejo de mudanças não só em relação à sua problemática específica, mas também da própria organização social. A observação desses grupos em atividades deixa claro o quanto, nessas circunstâncias, os velhos vivem o acontecimento, isto é, seguem os "fluxos de seus desejos", utilizando mais uma vez a terminologia de Guattari. Aliás, a desobrigação de uma série de "compromissos" e "deveres" sociais chatos e inúteis que compõe o mundo dos "engajados" na produção capitalista, favorece esse comportamento mais livre dos idosos. Evidentemente, tal situação se concretiza quando há uma real conquista de espaço por parte de um grupo da Terceira Idade. Essa abertura para o mundo, os assemelha às crianças, um grupo etário com extrema facilidade em "mergulhar de cabeça" no acontecimento, permanecendo imerso em uma atividade, tão somente enquanto ela faz sentido.

Aliás, para Elias Canetti, hoje, mais do que nunca, há um forte desejo coletivo de viver mais intensamente o momento presente, como consequência da incerteza do futuro da humanidade ante a ameaça de uma total destruição nuclear. Analogamente, podemos pensar que há entre os velhos esse mesmo desejo que nada mais é do que a afirmação da vida, frente à proximidade natural da morte.

Embora se possa argumentar que uma atitude positiva da família em relação a seu idoso seja fundamental, é preciso, em primeiro lugar, constatar que muitos idosos não têm família ou com elas não convivem; daí que a responsabilidade é de toda a sociedade. Em segundo lugar, mas mais importante, é necessário perceber que quando se fala em família como suporte ao idoso, frequentemente se cai em uma visão paternalista do problema. Enxerga-se a família como necessária à sobrevivência dos velhos e ponto final. Um questionamento mais profundo sobre a imagem da velhice que cada familiar possui, certamente conduziria a uma reflexão sobre a própria família e o conjunto social.

Como vimos anteriormente, a família é uma instância reprodutora das relações sociais. Se em um sistema social como o nosso o que prevalece são relações de coisificação e dominação do ser humano, no âmbito familiar não podemos esperar um quadro diferente.

Do exposto podemos concluir que uma posição mais favorável do idoso em sua família passa pelo questionamento dessa instituição e da totalidade social. Isso implica um processo de conscientização de nossas responsabilidades como agentes de transformação da sociedade, de modo a encarmos criticamente nossa prática. É claro que a conquista de melhores condições de vida para os idosos passa pela conquista de uma sociedade mais humana. Mas tanto a emancipação dos idosos como a de toda a sociedade não pode prescindir da participação dos velhos, seja individualmente, seja através de um movimento organizado.

ESPAÇO PARA A VELHICE EM JUIZ DE FORA (MG)

Nas reuniões de grupo, procuramos dar oportunidade às pessoas idosas para expressarem suas opiniões, críticas e sugestões sobre o planejamento das atividades no CCI, buscando devolver-lhes o direito à participação e à vida na própria comunidade. A família tem que estar junto nesse trabalho com o idoso. Os parentes têm que partilhar da caminhada de seus velhos.

INTRODUÇÃO

O conteúdo desta monografia inscreve-se em nossa experiência junto a idosos atendidos no Centro de Convivência de Juiz de Fora.

Para nós, o significado e o valor dessa participação traduzem, num primeiro momento, a certeza de que o caminho que estamos descobrindo, nos dá a direção, o rumo que pretendemos seguir num trabalho junto a idosos, como área de intervenção profissional.

Num segundo momento, a possibilidade de divulgação de nossas ações contribuirá para a avaliação e análise do que realizamos até aqui.

Felizmente, constatamos que, em nosso país, estão crescendo pessoas, instituições, relações sociais e interesses sobre a terceira idade. Há um despertar diferente que nos impulsiona a ampliar o espaço para os idosos.

O ser velho de cabelos grisalhos saiu das páginas dos romances e ganha linhas da realidade para sair do desprezo. Esse mesmo ser que tem história real, que foi ator na sociedade, que cooperou com seu trabalho, que criou família, pode contar com locais onde o seu valor e a sua dignidade são respeitados.

E, além disso, o idoso pode contar com pessoas que profissionalmente o escolheram para ser o fundamento de sua intervenção na sociedade. Essa opção que fizemos tem-nos permitido sonhar com o resgate de uma dívida social pa-

ra com os mais envelhecidos.

1. CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO:

Espaço para a velhice em Juiz de Fora.

1.1. Sua Trajetória Existencial

O envelhecer é entendido por nós como uma fase da vida que necessita de forças de natureza diferenciada. A partir desta visão, acreditamos no Centro de Convivência do Idoso – CCI – de Juiz de Fora, como um espaço que tem proporcionado ao velho encontrar-se consigo mesmo e com os outros.

A luta pelo surgimento deste Centro foi desencadeada a partir de 1974, fundamentando-se na lei de amparo à velhice, que constituiu uma das competências do INPS. Diante desse recurso legal, assistentes sociais empreenderam ações junto a idosos residentes no município e cidades vizinhas, centrando-se na legalização de documentos civis, na conscientização dos idosos sobre os seus direitos sociais e de saúde, no envolvimento de familiares quanto à necessidade de respeitar a situação dos idosos e, ainda, na busca de um entrosamento com instituições e/ou organismos locais.

A participação de profissionais em Seminários e Congressos realizados em São Paulo, Fortaleza, Belo Horizonte e Brasília possibilitou-lhes contribuir na política nacional de assistência ao idoso a ser implementada. Diante de modificações ocorridas em termos nacionais, quanto à instituição que assumiria o trabalho com a população idosa, coube à LBA a responsabilidade de tal tarefa. Novos embates foram enfrentados com esta decisão, gerando, além das ações desenvolvidas, pesquisas e aproximações com o SESC e instituições de caridade (abrigos).

Nasceram no início da década de 80 os chamados núcleos de idosos que ficaram alocados em bairros periféricos e com os quais foram realizadas atividades, incluindo seus familiares. Essa experiência, na sua totalidade, com seus limites e suas pretensões, possibilitou aos profissionais investir sistematicamente nessa área.

Com esse intuito, durante a gestão municipal 83-88, ocorreu a sensibilização de integrantes do poder público, que começaram a acreditar que

ações junto a idosos também poderiam ser uma de suas metas.

Com os acertos, os desencontros, as promessas e as potencialidades municipais, foram-se agrupando recursos e condições que, somados ao esforço dos profissionais, permitiram a estruturação do CCI em 17 de junho de 1988.

A vinculação institucional desse trabalho é com a Associação Municipal de Apoio Comunitário – AMAC – que se responsabiliza pelo seu gerenciamento. À LBA compete liberação de recursos financeiros e o acompanhamento técnico, periódico, das ações que vêm sendo desenvolvidas.

O poder público municipal assumiu a destinação de um espaço físico, de recursos materiais, de recursos humanos, lotação de equipe profissional integrada por 2 (dois) assistentes sociais, 1 (um) instrutor de cursos. Além disso, através da Fundação Municipal “Alfredo Ferreira Lage” – FUNALFA –, há a prestação de serviços na área de recursos culturais do município, como acesso livre a cinemas e liberação de convites para eventos.

O empenho da equipe que é responsável pela execução das atividades, associado ao interesse de acadêmicas do curso de Serviço Social, a abrangência e o reconhecimento de ações sociais junto aos idosos estão possibilitando, desde outubro de 1989, a integração com a comunidade universitária. Despertamos na área de Serviço Social a necessidade da formação de profissionais especializados nas questões da velhice. Implantamos, assim, o estágio acadêmico com quatro (4) estagiárias.

Com essa trajetória encontra-se funcionando o CCI, que vem representando o pioneirismo de um trabalho e que nos tem possibilitado sonhar e imaginar a sua ampliação, pois acreditamos na força e na coragem daqueles que têm esperança de viver, ainda que velhos.

1.2. Assim Chega o Idoso

O olhar expressivo para o Centro de Convivência é a primeira percepção que temos com a chegada de mais uma pessoa que nos procura.

Pessoas vêm chegando com suas expressões, suas marcas, com seu jeito de ser, com suas expectativas. Há dezoito meses vêm chegando pessoas

Elas chegam manifestando desejo por reconhecimento, valorização, etc. Existe na sua expressão vontade de ficar, de encontrar. Existe a vida a ser vivida. Elas têm estado conosco, os profissionais, e com outras pessoas que são os seus iguais. O vir para esta instituição tem significado para as pessoas idosas encontrar o seu lugar, o que está trazendo segurança de ter com quem conviver alguns momentos de sua vida. E para outras pessoas, isso não é o que desejam. Elas chegam mas não permanecem conosco. Procuram o que não lhes podemos oferecer. Não é esse o lugar que desejam frequentar.

O idoso chega ao CCI por vontade própria. Motivado por si mesmo. Livremente. E assim que olha para o Centro há um brilho na sua expressão que reflete esperança. Esperança que nos toca e nos movimenta. O que lhe oferecemos de imediato e com toda a espontaneidade é a nossa capacidade para ouvir a sua história. Ouvimos o seu caminhar e acreditamos nos seus passos.

Não nos interessa selecioná-lo segundo critérios técnicos e/ou científicos. A sua seleção já foi feita pela sociedade. Existe uma triagem de que o mundo tem que ser responsabilizado. Entretanto, nessa triagem, ele foi colocado num lugar onde imperam preconceitos, rótulos e determinações. Os sentimentos com os quais convive são os da insegurança, do desconforto, do desrespeito humanos. Ouvimos atentamente tudo o que o idoso nos diz. Anotamos fatos e dados que nos permitem identificá-lo e compreender a sua vida. Acreditamos no seu potencial. Acreditamos que é possível o resgate da sua existência.

Até o momento já ouvimos a história de 387 pessoas, o que nos permite divulgar alguns dados significativos:

- há a predominância da faixa etária acima dos 60 anos, do sexo feminino, de viúvas e pensionistas; a idade máxima existente é a de 85 anos;

- prevalece a ocupação de espaço no meio familiar, representando para a maioria a não pertinência ao convívio e à dinâmica familiar; e com isso, sentem-se estranhos e/ou rejeitados nesse espaço;

- 15% dos idosos residem sozinhos, tendo enfrentado o abandono familiar e social, acrescido à carência de recursos materiais e financeiros;

- demanda constante e intermitente por carinho, atenção, orientação pessoal e social, o que está associado à ansiedade devida à pouca ou reduzida expectativa de vida;

- manifestação de insegurança pessoal e social, carências de espaços para trocar experiências, sensação de abandono, de não reconhecimento, sentimento de inutilidade, desilusão e desesperança;

- urgência com que aguardam e esperam por soluções e encaminhamentos de seus problemas existenciais.

1.3. O dia do idoso começa mais tarde

Os participantes do CCI são, na sua maioria, idosas. Com suas tarefas domésticas, o momento para descontração fica reservado para o período da tarde. E é à tarde, à partir das 13 hs que os idosos deixam a obrigação da casa pela alegria do encontro, do bate-papo e do não ter nada que fazer.

Dona Maria Laura Geraldo, integrante do grupo há 1 ano e 4 meses, 65 anos, afirma: "eu acho o Pró-Idoso uma coisa muito aproveitável pra quem tem, assim, vontade de ter uma vida mais calma, e ter, assim, um ambiente com outras pessoas, a não ser o do lar, né? A gente tem netos, tem filhos, tem nora, tem genro, ih... fica naquela rotina... todo dia a mesma coisa... então a gente vindo pro Pró-Idoso, a gente chega aqui, vê outras pessoas, a gente é muito bem acolhido, aprende muitas coisas, ensina aquilo que a gente sabe. E eu acho que essas pessoas já de mais de 50 anos, que têm vontade de ter uma vida calma, que querem aprender alguma coisa pra ensinar, venha juntar-se conosco, que é muito bom!"

O CCI funciona diariamente de 2ª à 6ª feira, de 8 às 18 hs. De manhã, não chega quase ninguém. De vez em quando, um ou outro idoso, estando na cidade, dá uma passadinha no CCI para ver os funcionários, levar algum presente, alguma muda de planta ou uma flor; alguma fruta ou verdura que tem no quintal de sua casa. São gestos carinhosos e espontâneos de demonstração de afeto, onde o CCI ganha uma dimensão caseira e familiar.

Às 15 hs, ao Centro já chegaram muitos idosos. Até fica pequeno o local para tanta gente.

Existe uma sala maior onde realizamos o trabalho com grupos.

O grande problema é exatamente não saber o que fazer com os dias. O tempo representa uma ameaça terrível para os mais velhos; daí, a ansiedade e a vontade de querer fazer tudo ao mesmo tempo. Não saber esperar para muitos é inadiável, tem que ser agora.

O CCI atraiu os frequentadores assíduos do PARQUE HALFELD, um logradouro público que representava a única opção barata e prazerosa para os idosos na cidade. Os idosos do "JARDIM", como é conhecido, fazem parte dos grupos e agora, no Centro, estão direcionando suas vidas para outros caminhos: alegria, prazer de viver, encontro, espaço livre para falar, segurança, aceitação.

Nas reuniões de grupo, procuramos dar oportunidade às pessoas idosas para expressar suas opiniões, críticas e sugestões sobre o planejamento das atividades no CCI, buscando devolver-lhes o direito à participação grupal e à vida na própria comunidade.

1.4. Por que divertir-se

"Já que trabalhei a minha vida toda, agora só quero dançar e mais nada."

Para quem cumpriu com o seu dever, onde estão os direitos? Os tais direitos sociais que até hoje não saíram do papel?... O que existe de lazer para os idosos, se o que eles "ganham" não dá para comer dignamente? Essas perguntas refletem, sem justificar, o estado de miséria social em que vivemos, principalmente, os despossuídos, a maioria da população brasileira, idosos ou todos nós que caminhamos para lá... a velhice. O jeito é dançar a vida!

Na área externa do CCI, sem teto e conforto, o espaço é para a música. O forró, como eles dizem, mexe com as emoções; umas, ausentes, passadas, que vêm a banda passar, vivem de lembranças; outras, presentes, instantâneas, à flor da pele com marcas da vida, cada ruga, uma história, uma emoção diferente. Nessa dança, vai e vem a formação de relação afetiva entre eles, a reconquista do sentimento amoroso.

As pessoas idosas estão redescobrendo e se dando ao direito, apesar da repressão familiar, de

terem uma vida independente.

O idoso é tido como uma árvore morta, embora o broto que traz no coração procure o canteiro fértil da felicidade, e possa a qualquer hora, quando menos se espera, germinar; porque o amor não tem idade e nem época certa para se manifestar.

"As pessoas idosas sabem que remar contra a maré do preconceito não é fácil, assim como também não é fácil ser feliz, quando não se é mais jovem, nem economicamente produtivo." (Experiência com idosos da Prefeitura Municipal de Curitiba, agosto de 1988).

E nada melhor do que "A Disciplina do Amor", de Lígia Fagundes Telles, para falar sobre a visão social da velhice: "Quando ela se achou velha, calmamente resolveu pendurar as chuteiras (nos negócios de amor nunca foi uma jogadora do primeiro time) e assumiu a velhice com dignidade. Então ouviu a voz do próximo: "Que horror! mas como uma pessoa se entrega desse jeito! ficou até desleixada, presença negativa! De repente, parece que resolveu envelhecer e envelheceu tudo, sem nenhuma luta; isso só pode ser neurose, há de ver, quer provocar piedade, é uma punitiva!" "Muito impressionada com o que ouviu, ela resolveu reagir, lutar por uma imagem melhor. Fez plástica, pintou os cabelos, comprou roupa da moda e começou a namorar outra vez. Então ouviu a voz do próximo: "Mas que ridícula! Caindo de velhice e ainda querendo fazer charme, uma desfrutável! Já puxou a cara umas três vezes, se pinta feito palhaça. Virou arroz de festa e ainda namorando um moço que poderia ser seu filho! Devia se recolher, devia ir rezar!"

Os homens, que são em reduzido número, além do forró, divertem-se através de jogos de carta, diariamente. Isoladamente, um ou outro assiste a televisão, lê jornais, livros do CCI.

Por que divertir-se? Porque, divertindo, a vida passa de maneira mais agradável e fica mais alegre e participativa no horizonte nem sempre azul das pessoas idosas.

1.5. Reunir Para Trocar

Os interesses são canalizados para o trabalho com grupos, onde o estar frente a frente é posição escolhida pelos idosos fazerem a mesma atividade.

Assim acontece, por exemplo, com atividades manuais e laborativas, confecção de peças em tricô, em crochê, produção em corte e costura, que são atribuições femininas de maior preferência.

Os grupos são formados a partir da disponibilidade do idoso em freqüentar o CCI e, principalmente, segundo seus interesses colocados naquele momento do olhar expressivo, quando chegou ao Centro. Pelo que afirmamos, a necessidade de convívio social e de lazer constitui as áreas dominantes.

A freqüência aos grupos é condicionada por vários fatores:

- ocupações domésticas (passar, lavar e cozer);
- sujeição ao tempo (sol e chuva);
- o sair para visitar algum familiar ou recebê-lo em casa;
- "pegar o dinheiro da aposentadoria".

A situação de saúde compromete muito o ir e vir do idoso pela vida. Deste modo, o quadro de pessoas que participam dos grupos, tem a cada dia o registro de ausência de mais um rosto marcado e que deseja viver coisas e sonhos que suavizem esta expressão.

O encontro ocorre duas vezes por semana. Assim, temos 3 (três) grupos formados; um grupo reúne-se às 2^{as}. e 4^{as}. feiras, outro às 3^{as}. e 5^{as}. feiras, e outro às 6^{as}. feiras; este último apresenta menos participantes, até o momento. Em cada grupo há 60 (sessenta) idosos, situados em diferentes faixas etárias.

Existem pessoas que chegam ao CCI, todos os dias, como é o caso de Irinete Ramos de Oliveira, 62 anos, viúva, pensionista, "gosta de ler", natural do Rio de Janeiro:

"Olha, este grupo pra mim foi além da expectativa, porque eu vim pra cá pelo anúncio de jornal, eu não esperava encontrar o que eu encontrei aqui; os funcionários muito simpáticos, muito agradáveis, gosto daqui e tudo, não tem nada pra dizer; só não tô a fim, assim, de trabalhar, assim comercialmente; eu gosto de trabalhar, de ajudar, eu gosto; quando eu não sei, também gosto de aprender, não sou nenhuma cabeça excepcional. Aqui não existe nada que não esteja me agradando: quando eu não venho é porque alguma coisa me impediu, eu me sinto bem aqui."

As reuniões têm caráter educativo, sendo que os temas e/ou assuntos têm levado os idosos a conversar sobre as coisas da vida: questões ligadas à previdência social: aposentadoria e pensões; assuntos referentes à saúde de um modo geral (doenças típicas como hipertensão arterial, diabetes etc); problemas de relacionamento familiar e grupal; dificuldades em custear moradia e a morte.

Nos grupos, além da função produtiva, existe o lado terapêutico na execução de um bordado, de um ponto e outro, vai-se formando um tecido de relações sociais, onde o ponto mais alto é a troca de vivências.

1.6. Juiz de Fora tem velhos

Na cidade de Juiz de Fora é grande o contingente da população idosa. As previsões indicam que haverá um aumento assustador de idosos já no início do novo século. Será que criaremos mais Centros de Convivência para aguardar a chegada dos idosos? Será que os idosos, até lá, poderão contar com outras pessoas para viver sua velhice com o sossego e a tranqüilidade que a sua idade exige da sociedade? Até que ponto a cidade está preparada ou vem se preparando para atender essa grande demanda de idosos?

Há necessidade urgente de se criarem espaços para essa população, porque ao envelhecer a pessoa já não encontra mais lugar algum: a pessoa, hoje idosa, ainda não havia tido tempo de o perceber. Quando pára de funcionar, a pessoa "vira" idoso da noite para o dia, numa invenção social, para perder a sua identidade.

Sem oportunidade para demonstrar as suas possibilidades, capacidades e com o tempo ocioso, porque não tiveram uma reflexão sobre como assumir e viver a aposentadoria, resta-lhes a frustração.

Precisamos pensar a velhice numa perspectiva de totalidade social, mais do que um fato biológico. A velhice é um fenômeno com várias dimensões e complexidade, constituído por fatores políticos, sociais, econômicos e culturais. A capacidade de produzir, a questão econômica, sobrepõe-se a todos os demais, fazendo, inclusive, que a valorização da vida humana se faça a partir de critérios meramente materiais. A pessoa humana é importante enquanto integra o sistema produtivo e contribui para a expansão do capital. Es-

se é o sistema em que vivemos. Um sistema de vida cruel e mutilador, um sistema que não oferece à imensa maioria de seus componentes o menor incentivo para viver, que antecipa a morte das pessoas que envelhecem.

Se até hoje já chegaram ao Centro de Convivência 387 pessoas idosas, perguntamos: onde estão os 40 e tantos mil idosos que foram estatisticamente contados? O que estão fazendo para sobreviverem sem patrimônio, sem força física para o trabalho, marcados pela vida? Será que estão abrigados em asilos? Perambulam pelas ruas, procurando viver algum momento que lhes dê o sentido da vida? Onde estão? Como têm vivenciado a sua velhice?

É com essas preocupações que acreditamos que temos que sonhar para modificar essa realidade. Sonhos esses que devem acontecer no adormecer de diferentes pessoas, instituições, donos do poder. E sonhos que possam ser traduzidos em ações por todos aqueles que acreditam na velhice como mais uma possibilidade de vida.

2. SONHO DE MODIFICAR

Que bom seria se, em nível oficial: a velhice merecesse um outro tipo de tratamento por parte dos dirigentes que não fosse o esquecimento e o descaso oficiais; as políticas sociais implantadas no Brasil dessem prioridade à qualidade de vida das pessoas e não fossem somente a reprodução das cifras, pois assim a velhice, com certeza, teria amparo e proteção social; fossem realizadas, através dos meios de comunicação de massa, campanhas educativas/informativas/esclarecedoras sobre o modo de ser idoso; assim, a sociedade teria uma imagem mais justa e real da terceira idade, diminuindo os preconceitos e tabus com fins de especulação financeira; os proventos da Previdência Social garantissem as condições básicas da existência humana de todas as pessoas idosas; as instituições oficiais de assistência à velhice se preocupassem em oferecer aos idosos serviços de saúde adequados, alojamentos e instalações físicas melhores e uma boa qualidade de alimentação. Desta forma, os idosos deixariam de ser "inter-nos" e passariam a ser vistos como pessoas.

Em nível universitário: a questão da terceira idade fosse levada para um debate aberto em diferentes oportunidades, através de cursos, seminários, ciclo de palestras e congressos; houvesse in-

trodução das disciplinas Geriatria e Gerontologia no currículo das universidades brasileiras; existisse o reaproveitamento profissional de docentes aposentados, na condução de trabalhos universitários (pesquisas, ensino e extensão).

Em nível comunitário: as pessoas procurassem saber das experiências e lições de vida que os idosos têm para transmitir; os idosos não fossem motivos de desprezo e inutilidade no desenvolvimento das comunidades, mas sim, objeto de sabedoria e vivência no encaminhamento de formas de solução dos problemas comunitários; nas agências bancárias houvesse um expediente de atendimento aos idosos, evitando filas quilométricas e tendo bancos que possam oferecer descanso; as barreiras físicas facilitassem a presença social da população idosa nos movimentos comunitários.

Esses sonhos podem tornar-se realidade e

2.1. Não custa tanto assim

Precisamos urgentemente ampliar o CCI atual, porque, se não, onde chegarão os 40 e tantos mil idosos existentes na cidade? Como absorver essa demanda, se o espaço de que dispomos não comporta os idosos que já chegaram ao CCI? Temos que sensibilizar ainda mais o poder público municipal, as empresas, o comércio, a comunidade em geral para ampliar o CCI ou, até mesmo, levantar recursos para uma edificação apropriada, com arquitetura geriátrica, sem barreiras físicas é com ambientes aprazíveis ao idoso.

Esse é o sonho da Sra. Edith Peterman Araújo, viúva, participante do grupo de idosos desde o tempo da LBA e membro ativo do CCI: "Eu acho, assim, que seria tão bom ter uma casa "Pró-Idoso", onde ele tivesse lugar pra viver, dormir e ficar o dia que ele quisesse ficar; pra ter aquele amparo, aquele carinho, porque geralmente os jovens não querem saber dos idosos, às vezes, maltratam, respondem; a gente tá com mais idade, a gente é muito sensível, então, a gente sente ver um neto responder mal, o filho falar: "ih, mãe, deixa que eu resolvo"! então, tudo isso a gente fica sentida. Então, a gente já vivendo com outras pessoas da mesma faixa de idade da gente, convivendo mais, uma casa que desse pra gente viver, como que a gente ali junto, unida às amigas, porque eu tenho amigas idosas como se fossem minhas irmãs."

Como centralizar o atendimento no CCI, se a

cidade apresenta um grande dimensionamento periférico? Pretendemos criar núcleos comunitários de idosos nos bairros da cidade, sem nenhum tipo de ônus para a municipalidade, respeitando o local onde residem os idosos. A partir daí, a comunidade idosa mobilizaria para o atendimento de seus problemas sociais, canalizando o potencial de participação para as organizações estabelecidas, ou atuaria de outra forma que achassem melhor, independente ou não.

Os encontros poderiam ser feitos em espaços disponíveis na região: garagens, salões comunitários, escolas da comunidade, postos de saúde, igrejas e outros locais de fácil acesso e conhecido por todos.

O idoso permaneceria enraizado em suas relações sociais primárias no bairro, onde ele compra o pão, conhece o padre, o dono da venda, "sabe da vida de todo mundo"...; ele não se deslocaria para o centro da cidade para conhecer outros grupos. Não custa tanto assim...

A família tem que estar junto neste trabalho com o idoso. Ela é que tem idosos. Estes são pessoas que passam a ser o avô, a avó, o sogro, a sogra. Às vezes, o problema não está no idoso e sim na família. É preciso reordenar os papéis sociais, incluindo a participação da pessoa idosa. Afinal de contas, em cada idoso está a origem de cada família. Ele a criou, manteve a sua família. E agora está velho... É injusta a indiferença nas relações de casa. Os parentes têm que partilhar da caminhada de seus velhos. Este é um trabalho mais difícil, do dia a dia, porque envolve trabalhar a mudança de mentalidade das pessoas. Para isso, precisamos mudar em primeiro lugar a cabeça da sociedade. Como? Utilizando os meios de comunicação de massa numa verdadeira cruzada em prol de uma imagem positiva da velhice. Não custa tanto assim...

O tempo não pode continuar a amedrontar os idosos. É preciso tê-lo a nosso favor. O CCI está criando aberturas para além do tempo. O que implica uma outra visão de finitude. O que vale na vida é "a vida anterior, são os pensamentos, são as sensações, são as esperanças inúteis" (Clarice Lispector). A morte não é privilégio da velhice. Morre-se em qualquer idade... O grande trunfo da velhice e dos homens é saber perder. Não custa tanto assim...

Dentro de uma preocupação de não onerar os

cofres públicos, sugerimos a realização de um trabalho educativo com os servidores públicos municipais de preparação para a aposentadoria. O CCI, com sua gerência municipal, prestaria um serviço social a quem tanto fez pela cidade. Não custa tanto assim... Não custa tanto assim a realização desses sonhos. É só imaginar o possível, não custa dinheiro...

2.2. Admitir a mudança

Dos sonhos precisamos passar para a realidade. É imprescindível que utilizemos meios e mecanismos para ativar as pessoas idosas para a vida, sem reforçar a dependência social estabelecida.

Com a criação do CCI em nossa cidade, um primeiro passo foi dado em direção ao chamamento do idoso para participar. Precisamos de avançar ainda mais. Para tanto é necessário: destinação de verbas para programas sociais, em particular, para os poucos que tratam da velhice; maior interesse e empenho de quem governa, no trato da questão idosa; treinamento sistemático para tratar a velhice como um fenômeno global e complexo, que exige uma visão total do ser humano.

Os idosos, convivendo em grupos iguais, acabam por reforçar a discriminação que cai sobre eles. A diversidade de situações, a visão panorâmica dos acontecimentos sociais, a participação nas mais diferentes situações da vida podem contribuir para que o idoso amplie cada vez mais o alcance dos seus olhos, enxergando além de quatro paredes. Mesmo tendo uma velhice pobre, o idoso pode desfrutar de uma vida maravilhosa, com prazer de viver, saudável, com hábitos que possam transcender o limite do "seu bolso". Nem sempre as melhores coisas o dinheiro pode comprar, o gozo de uma saúde plena pode constituir um patrimônio sem preço.

A vida é o corpo em movimento; mesmo lento, no corpo do idoso não deixam de correr, por entre desejos, sonhos, fantasias, as possibilidades de viver bem. A velhice necessariamente não precisa impedir que a pessoa faça tudo o que sempre fez; o que importa é a qualidade do que é feito e como se faz... Nesse ponto, os mais vividos estão favorecidos, porque, conforme disse Pedro Nava, "a velhice é um farol que ilumina para trás."

Admitir a terceira idade significa acreditar

nos sonhos e no velho andando com os próprios pés, na certeza de que o caminho nem sempre é de flores, mas a vontade e o querer mudar jamais poderão ser podados. E quem sabe dos sonhos, necessidades e desejos nessa fase da vida, são as pessoas idosas que devem falar por si mesmas e não esperar que os outros o façam por elas.

Mudar é muito mais do que emitir opiniões e conceitos. Mudar deve mobilizar a pessoa no que ela tem de humano. O idoso não precisa de pena! A mudança de tratamento que velhice merece só vai acontecer quando as pessoas mudarem; não como muda a classe política, os que governam em causa própria; mas mudar como a atitude daqueles que têm compromisso com a consciência e com o espírito solidário, assumindo que o velho de hoje será ele amanhã.

As grandes mudanças começam nas pequenas atitudes; assim também terá que acontecer em relação à pessoa idosa. A vida humana tem que ser maior do que os rótulos e estigmas sociais.

Medidas terão que ser tomadas por quem determina o modo de ser das pessoas. Cabe a cada idoso o compromisso de lutar, porque tem forças; de participar, porque tem inteligência e discernimento das coisas; de influir, porque sabe mais do que ninguém o que é bom e o que é ruim para si, para os outros e para toda a comunidade; e de opinar, porque tem boca pra falar e precisa colocar a "boca no trombone", porque, se não, jamais sairá da sombra em que se encontra.

Admitir a mudança implica aceitar o envelhecimento. Por que as pessoas não se preparam para o envelhecimento? As mudanças que ocorrem causam medo nas pessoas. Há resistência na aprendizagem porque as novas experiências podem ser ameaçadoras. Admitir a mudança, do modo como a velhice é encarada no Brasil, é admitir a mudança em cada ser humano que necessita aceitar e se preparar para viver nela. Isso não ocorre com frequência. Somente os outros é que envelhecem...

Admitir a mudança é tratar o idoso como pessoa, respeitando e valorizando suas idéias, seu jeito de ser.

O CCI de Juiz de Fora acredita nesta mudança, tem conseguido fazer com que o idoso se sinta seguro e querido por nós, no nosso cotidiano profissional. Nesse sentido é que NOVAS PROPOS-

TAS para o idoso no Brasil podem incluir a nossa experiência.

Daí que consideramos ser necessário: falar de igual para igual no trato da consciência grupal; atender a todos indiscriminadamente, de igual modo, com atenção e interesse; organizar a população idosa do município, resgatando o seu direito de cidadania.

Na nossa experiência, o que nos chama mais a atenção e nos surpreende, e é o que vemos como inusitado e novo na proposta do CCI de Juiz de Fora, é o nosso desprendimento, boa vontade e idealismo e principalmente a questão humana no atendimento à pessoa que chega. É como falamos: ela chega querendo ficar... E nós ouvimos... E ela tem ficado conosco.

Por isso, acreditamos que o tratamento que os idosos têm recebido é o fundamento de sua permanência conosco. O brilho do seu olhar é uma constante no seu dia-a-dia no Centro. A sua expressão vem mudando. Há alegria em "conviver"...

As marcas adquiridas nesses dezoito meses têm traduzido encantamento, força e vontade de viver. Existem sorrisos espalhados nos cantos e no Centro... E o que vem ocorrendo não é nenhum tipo de assistência social. Não doamos óculos, remédios, roupas, alimentos. Estamos trocando com os velhos e eles estão com os iguais... A vida desses velhos vem se movimentando e o velho tem-se encarregado de levar as decepções e o gosto amargo social de ser velho.

3. ACREDITANDO NA VELHICE

"O idoso não pode deixar de ter ambição, deve plantar aos 90 anos, árvores que levam 30 anos para crescer" (Claude Nahoum). Mesmo que os frutos sejam colhidos por outros...

Antes de qualquer transformação que o tempo reserva para todos nós, é preciso reconhecer que o velho é pessoa, é sujeito em si mesmo, é "dono do seu nariz."

Acreditamos na velhice. Acreditamos no velho. Acreditamos na sua cultura, no seu jeito de ser, no seu olhar de quem já viu muito. Acreditamos na vida que traz no peito. No seu olhar expressivo quando chega até nós. Acreditamos na

sua história contada mais de uma vez, porque acha que nós não acreditamos nela. Acreditamos sim... só que os tempos mudaram. E acreditamos nela. Acreditamos sim... só que os tempos mudaram. E o idoso também precisa mudar. Acreditamos na sua fala mansa, vagarosa e cansada de tanto procurar explicação para o abandono familiar e social. Acreditamos nos seus pés calejados de tanto caminhar na vida, para dar o de comer e o de beber aos seus... Acreditamos em suas mãos velhas e enrugadas, de tanto dar duro na roça para fazer crescer o arroz e o feijão e, assim, alimentar milhares de pessoas. Herói anônimo...

Acreditamos no seu coração magnânimo que espera de Deus melhores dias e eles virão, têm que vir. A esperança toma conta dos seus dias...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERQUÓ, E. e LEITE V. da M. Algumas considerações Sobre a Demografia da População Idosa no Brasil. Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC: São Paulo, vol. 40, 7, julho de 1988.

BORELLI, O. Clarice Lispector. Esboço para um possível retrato. Editora Nova Fronteira S.A.: Rio de Janeiro, 1981.

CADERNOS DA LBA. A LBA e o Trabalho Social com o Idoso: a busca de uma nova condição de vida para a velhice. MPAS, LBA: São Paulo.

DELGADO, Z.T. (Entrevista). Ex-Chefe do Centro Regional da LBA. Juiz de Fora, dezembro de 1989.

Acreditamos no idoso que produz, que cria, que vive, que faz e acontece, que não morreu, que tem um enorme potencial de vida para viver.

A velhice nos inspira poesia. Poesia é a forma de expressão do idoso; quando conta histórias e casos a seus netos, quando faz bolos e quitutes ou quando simplesmente pega o neto no colo para fazer carinho.

Mas... para resolver os problemas dos velhos no Brasil, é preciso muito mais do que poesia, é preciso engajamento com a sua causa, com a nossa causa, expresso em ações políticas, aplicação e liberação de recursos financeiros em programas de apoio à velhice, tratamento humano dispensado dignamente aos idosos.

FERNANDES, F. da S. Gerontologia no Brasil Expectativas. Revista A Terceira Idade, SESC: São Paulo, nº 1, Setembro de 1988.

FRAIMAN, A.P. Coisas da Idade. Hermes Editora: São Paulo, 1988.

MAGALHÃES, D.N.A. Invenção Social da Velhice. Editora Papagaio Ltda.: Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, J.A. Pró-Idoso: Um Ano de Trabalho Acreditando no Idoso. Jornal Diário da Manhã. Juiz de Fora, 28 de junho de 1989.

SILVA, J.A. Neste Tempo de Eleições. Um pouco Sobre os Idosos. Jornal Mercantil. Juiz de Fora, 3 de dezembro de 1989.

TURRA, S.B.F. Programa de Organização da 3ª Idade. Projeto Irmão Mais Velho. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Departamento de Ação Comunitária. Curitiba, agosto de 1988.

B I B L I O G R A F I A
C O M E N T A D A

SEADE
Fundação
Sistema
Estadual de
Análise de Dados

Coleção
Realidade
Paulista

O IDOSO NA
GRANDE SÃO PAULO

Este trabalho da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE – surpreende pelo rigor científico com que trata a questão do envelhecimento no Brasil.

A análise começa por uma rápida e objetiva abordagem demográfica que possibilita, de imediato, uma visão panorâmica da situação do idoso brasileiro. Em seguida, são projetadas características demográficas e sócio-econômicas da população idosa no Estado de São Paulo, ou seja, entre outras, a distribuição da população de 60 anos e mais, segundo o sexo, nacionalidade, o estado conjugal, o nível de alfabetização, atividade econômica, tamanho e composição do grupo familiar, com todas as suas implicações.

Especificamente, em relação à Grande São Paulo, são abordadas as diferenças intraregionais, quanto aos índices de masculinidade, variantes de sexo, estado conjugal, alfabetização, atividade, rendimentos etc.

Um dos grandes méritos dessa obra é vincular o estudo da população idosa do município de São Paulo a um contexto social mais amplo, a sociedade brasileira. Desse modo, sem se afastar de seu principal objetivo, estabelece uma relação coerente entre o todo e a parte. De modo que a realidade perseguida não constitui um fenômeno estanque e casual, mas tem suas origens em fatos bem concretos, próprios de uma estrutura característica, por sua vez resultante da dinâmica sócio-econômica e demográfica do país.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, são analisadas as causas da mortalidade e morbidade da população idosa, com excelentes informações e elucidações a respeito do assunto.

Com bastante propriedade são feitas considerações sobre a saúde pública e o que ela tem representado para o idoso em termos de assistência e serviços, as dificuldades de acesso dessa faixa etária aos benefícios previdenciários, a evolução das medidas governamentais no atendimento à pessoa idosa e os programas específicos criados e desenvolvidos por órgãos públicos e instituições privadas em favor da terceira idade.

Assim, essa obra não é dirigida somente aos técnicos da Grande São Paulo, pois "o leitor encontrará no conjunto de dados e nas análises neles baseadas uma visão, a um tempo sintética e diferenciada, da situação das pessoas idosas no Brasil." Uma visão, aliás, nada alentadora, pois ressalta ainda mais as mazelas dessa população.

Diante de problemas como a desnutrição, a renda ridícula, a precariedade das habitações, a deficiência médico-sanitária e outros, a conclusão óbvia e inevitável é que chegar à velhice, neste país, é realmente um castigo e um sofrimento.

Em algumas áreas como a saúde, por exemplo, as conseqüências se fazem sentir de forma mais clara e imediata.

Além disso, apesar dos gastos governamentais frente às necessidades dos idosos, continua sendo enorme o déficit social em relação a esta população e é flagrante a incapacidade dos pro-

gramas atuais para saldar essa dívida.

Nesse sentido, é preocupante concluir que urge a adoção de medidas menos tímidas que as iniciativas empreendidas até agora, embora se deva reconhecer a significativa expansão, nesses últimos vinte anos, da cobertura dos serviços governamentais, de caráter social, tanto para a população no seu conjunto como, sobretudo, para a população idosa.

No entanto, existem diversas particularidades no processo de envelhecimento da população brasileira que merecem ser ressaltadas e dizem respeito ao nível de desigualdade material entre as pessoas mais velhas, bem como as desigualdades urbano-rurais, as desigualdades entre os sexos etc.

Não se dispõe, contudo, de informações suficientes para detectar melhor e dimensionar essas diferenças. O que seria desejável para uma política mais adequada para esse segmento da população. Essa política depende, entre outras coisas, de mudanças estruturais profundas em nossa sociedade heterogênea e desigual.

Por todas as informações contidas nesse estudo, pela seriedade e qualidade do trabalho, essa publicação não pode ser ignorada pelo profissional de gerontologia.

Infelizmente, as pesquisas setorializadas nesse campo são acanhadas, quase inexistentes. No entanto, sua generalização contribuiria, sem dúvida, para o conhecimento mais profundo das causas e das conseqüências do envelhecimento da sociedade brasileira.

Oswaldo Gonçalves da Silva

SIMPÓSIO NACIONAL

Realizou-se, de 09 a 12 de abril próximo passado, em São Paulo, o Simpósio Nacional "Valores, Ideologias e Gerações".

Promovido pelo SESC de São Paulo e tendo como objetivo atender as expectativas de reciclagem dos técnicos em Gerontologia, o evento contou com a participação de cerca de 180 pessoas de diversos pontos do país.

Abordando temas como "Tradição e Modernidade", "Desejos e Fantasias do Jovem e do Velho", "Finitude e Renascimento em Cada Geração" e "Uma Nova Pedagogia para a Velhice", a proposta do simpósio representou uma contribuição do SESC para o aprimoramento das ações que envolvem o atendimento ao idoso.

Pelo nível das palestras e pelo interesse despertado, a programação propiciou momentos de reflexão fundamentais para o crescimento técnico-científico dos profissionais da área.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO

O grupo de trabalho constituído pela Portaria Interministerial nº 252, de 16 de outubro de 1990, coordenado pelo Ministério da Ação Social, concluiu, recentemente, o documento preliminar sobre "Política Nacional do Idoso", cujo princípio fundamental é o de garantir a autonomia, integração e participação dos idosos na sociedade.

Este objetivo será atingido a partir da implantação de ações integradas pelo poder público e participação dos idosos através de entidades e organizações representativas. Outras diretrizes adotadas dizem respeito ao enfoque familiar e comunitário, como referências básicas para a formulação e implementação de atividades, atendimento integrado às diferentes faixas etárias, evitando

qualquer tipo de segregação e incentivando maior cooperação entre a administração pública e a iniciativa privada.

Além disso, merecem destaque as ações que garantirão a participação do idoso no mercado de trabalho, o piso mínimo dos benefícios previdenciários estabelecidos na Constituição Federal e os reajustes sistemáticos da aposentadoria como forma de se preservar o seu valor real.

A Secretaria Nacional de Promoção Social do Ministério da Ação Social tem apresentado e discutido o documento com instituições sociais e com grupos da sociedade civil, no sentido de aprimorar o seu conteúdo.

CONSELHOS ESTADUAIS DO IDOSO

Criado no Estado de Santa Catarina mais um Conselho Estadual do Idoso, cuja direção foi confiada à Sra. Maria Luiza Campos Ferreira, ex-dirigente do PROMOVER, instituição que apóia, em 1989, o Seminário Regional sobre "O Idoso na Sociedade Atual", promovido pela A.N.G. - Associação Nacional de Gerontologia.

A assistente social Nara Costa Rodrigues assumiu a presidência do Conselho Estadual do Idoso, do Rio Grande do Sul.

ENCONTRO NACIONAL DE IDOSOS

De 29 de setembro a 03 de outubro próximo, será realizado, em São Paulo, o Encontro Nacional de Idosos.

Tendo como tema "Memórias, a recuperação do passado", o evento que é promovido pelo SESC de São Paulo, espera reunir cerca de 2.500 idosos, representando quase todos os estados brasileiros.

A exemplo dos Encontros Nacionais anteriores, realizados em 1982, 1984 e 1987, também este ano objetiva-se abrir cada vez mais espaços para uma participação social efetiva da terceira idade.

Por isso, além de ser um momento de confraternização dos diversos grupos participantes, o Encontro será ainda uma oportunidade de trocas de experiências, contribuindo ao mesmo tempo para sensibilizar a sociedade e os poderes constituídos diante da crescente marginalização do idoso.

PRÊMIO TERCEIRA IDADE

Com o objetivo de homenagear empresas e profissionais que desenvolvem trabalhos e projetos sócio-culturais e científicos em benefício do bem-estar social da população idosa, o Centro de Estudos - Fundação da Terceira Idade - CEFTI está promovendo o concurso "Prêmio Terceira Idade do CEFTI".

Para concorrer, o interessado deverá apresentar um trabalho nas áreas de Previdência, educação, cultura e lazer, saúde, participação comu-

nitária, bem-estar e amparo social. Além disso, deverá ser solicitado o regulamento junto à ABRAPP - Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Privada, organismo em que está inserido o CEFTI.

O prazo de inscrição e depósito dos trabalhos encerra-se no dia 18 de julho.

Para maiores informações, entrar em contato pelo telefone (011) 881-5600 ou pelo Fax (011) 881-5942 ou por Telex 11-24793.

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

PRESIDENTE

Abram Szajman

Membros Efetivos

Aldo Minchillo
Augusto da Silva Saraiva
Chafic Wady Farhat
Fileto de Oliveira e Silva Netto
Isaac Naspitz
Jorge Gabriel
José Santino de Lira Filho
Juljan Dieter Czapski
Laerte Horta
Manuel Henrique Farias Ramos
Orlando Rodrigues
Paulo Fernandes Lucânia
Pedro Labate
Rui Vieira

Membros Suplentes

Airton Salvador Pellegrino
Amadeu Castanheira
Fernando Soranz
Israel Guinsburg
Ivo Dall'Acqua Júnior
João Pereira Góes
Jorge Sarhan Salomão
José Rocha Clemente
Luciano Figliolia
Mauro Mendes Garcia
Nerino Soldera
Oswaldo Guarnieri de Lara
Valter Giugno Abruzzi
Wallace Garroux Sampaio

REPRESENTANTES JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos

Abram Szajman
Aurélio Mendes de Oliveira
Raul Cocito

Membros Suplentes

Olivier Mauro Viteli Carvalho
Sebastião Paulino da Costa
Manoel José Vieira de Moraes

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

Levar a todos mais lazer,
mais amigos: um desafio permanente,
um trabalho realizado a cada dia,
todos os dias.

